

A Vida de Jesus
Segundo as Estrelas

Iniciação à Astroteologia



Volume II
José, o Carpinteiro

Antonio Farjani

A VIDA DE JESUS
SEGUNDO AS ESTRELAS

Iniciação à Astroteologia

Volume II

José, o Carpinteiro

Antonio Farjani

Copyright © 2013 – Antonio Farjani.

Direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo, sem autorização expressa do autor.

Capa: *O Jovem Jesus*, de Gerrit van Honthorst – Hermitage, St. Petersburg, 1620.

Contato com o autor:

astroteologia@gmail.com

Facebook:

[Mistérios da Lua](#) (livro) Antonio Farjani

Página da Amazon neste [link](#).

Sumário

INTRODUÇÃO

I – UMA HISTÓRIA PARA JOSÉ

José, esse desconhecido

José no mundo da fantasia

Um trabalhador explorado

José, o apócrifo

José, o artesão

II – JOSÉ, O MITO

O sofredor justo

José, o Titã

José, o Maléfico

A arte e o artífice

José, o dorminhoco

O despertar do Apático

Notas

INTRODUÇÃO

Em meu livro anterior, intitulado *Mistérios da Lua*, fiz uma afirmação que deve ter despertado espanto ou mesmo a descrença de alguns leitores: a de que toda a vida de Jesus poderia ser interpretada astronomicamente, segundo a trajetória do Sol durante o ano. Seu nascimento, glória, milagres, perseguições, sofrimento e morte reproduzem a passagem do Sol pelos doze signos do Zodíaco, seus doze discípulos celestes. Na verdade não somente a história do Nazareno, mas praticamente todas as epopeias narradas na Bíblia, assim como muitas narrativas da mitologia universal, seriam passíveis de interpretação sob essa abordagem.

Conforme disse na Introdução ao primeiro volume desta coleção, o estudo astroteológico da Natividade veio de parte de uma palestra minha sobre este assunto. Este volume, dedicado ao pai de Jesus, resultou dos dados a mais que foram se acumulando em minhas pesquisas, e já não caberiam em uma única palestra, pois mais longa que se tornasse. Em meio às descobertas sobre o significado astronômico do nascimento de Jesus, o vulto de José foi crescendo de tal maneira que exigiu um trabalho exclusivo, dedicado somente a ele, como aquelas oferendas dedicadas aos deuses da antiguidade em seus nichos particulares. Para minha surpresa, o humilde carpinteiro foi paulatinamente se transformando em uma antiga divindade, um poderoso Titã cultuado no tempo da Deusa, cuja grandeza jaz disfarçada nos aparentemente inocentes contos evangélicos e seus apócrifos. Junto com esse deus, um planeta que ninguém ousaria incluir na Natividade ocupou o céu com seu sombrio espectro. Poderíamos dizer que José, ao melhor estilo evangélico, ofereceu sua outra face: muitas vezes representado dormindo na iconografia cristã, finalmente ele se ergueu do leito, revelou sua identidade e cobrou sua parte no culto ao deus-sol do final da era de Áries, às portas da era de Peixes.

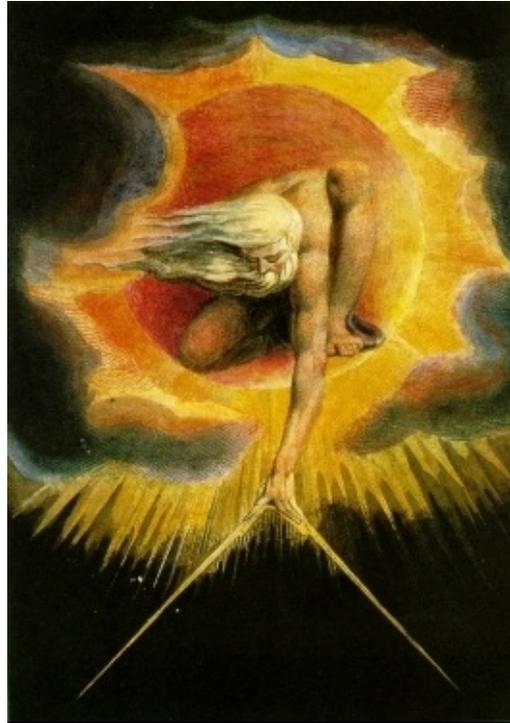
Apesar de ter arrefecido no século XX, a Astroteologia tem ressurgido com força neste início do século XXI, principalmente entre obstinados autores americanos que têm denunciado repetidamente as origens pagãs e astronômicas do judeu-cristianismo. O propósito desta pequena obra é o de reacender a curiosidade por essa ciência que norteava não só os cultos de nossos antepassados, mas sua política, economia, ciência, arquitetura, filosofia, valores e costumes do dia-a-dia. Mesmo hoje, as pessoas seguem costumes, comemorações e festas religiosas, assim como as não religiosas, segundo critérios astronômicos esquecidos pela população. Festividades como o Natal, Páscoa, Carnaval, os Fogos de Junho ou o Dia das Bruxas são comemorações pagãs de inquestionável fundamento astronômico, queiram ou não os fundamentalistas religiosos de plantão.

Quando escrevi as recomendações para se construir um presépio “astronomicamente correto” no primeiro volume, uma delas foi a de não deixar, em hipótese alguma, José tocar ou se aproximar do menino Jesus: o texto que você tem diante de seus olhos lhe dirá a sinistra razão. Este livro, como o anterior, se ocupará da narrativa do nascimento do menino-deus e de seus primeiros momentos de vida, mas agora centrados na figura do esposo da abelha-rainha que o gerou. As imagens impressionam, a linguagem continua leve e coloquial, mas desta vez você sentirá o peso da mão do misterioso artesão de Belém. Ao anoitecer, depois de trocar seu martelo por uma pá, e seu cajado por uma foice, ele vaga solitário na escuridão de um jardim distante, fazendo rolar a pedra da sepultura que abriga um Mistério reencenado a cada vez que as estrelas completam seu circuito no firmamento.

Na primeira parte, vamos reunir o que se sabe e se diz nos escritos e nos círculos tradicionais cristãos sobre o José obediente, fiel e amoroso: na segunda, juntaremos esse material a outras informações que nos permitirão traçar um perfil mitológico e astroteológico do pai de Jesus, um José pagão, tão sombrio quanto formidável, convencendo-o a revelar parte de seus profundos Mistérios. A versão eletrônica dá ao leitor uma importante vantagem, a de poder investigar por si mesmo os links

presentes no texto, em cor azul. Bastará um clique para verificar a veracidade de algumas informações, ou saber mais sobre algum autor citado. Uma boa viagem para todos nós!

Antonio Farjani



I – UMA HISTÓRIA PARA JOSÉ

José, esse desconhecido

Raros personagens dos evangelhos são menos expressivos do que José: o esposo da Virgem Maria e padrasto do Deus encarnado do cristianismo ocupa escassas linhas dos evangelistas, é mencionado poucas vezes e não deixa uma única palavra para a posteridade. Qual a razão de tanto descaso para com um dos principais protagonistas do drama cristão? Embora as Igrejas Católica Romana, Ortodoxa e Anglicana o tenham como Santo, as Epístolas de Paulo, geralmente consideradas os registros cristãos mais antigos existentes, mencionam apenas a mãe de Jesus (sem nomeá-la), e não se referem a seu pai carnal, somente a Deus[1]. O mesmo sucede no livro de Marcos, o mais antigo dos quatro evangelhos canônicos: estranhamente, este autor se refere a Jesus como “filho de Maria”, uma referência absolutamente intrigante para um texto oriundo de uma cultura patriarcal tão feroz como a judaica[2].

O Codex Sinaiticus, antiga versão dos evangelhos, diz que “José gerou Jesus”: o evangelho de João cita seu nome duas vezes, somente para se referir a Jesus como “filho de José”. [3] Enfim, os holofotes só se dirigem ao discreto carpinteiro nos evangelhos de Mateus e Lucas, por conta do nascimento de Jesus. Ambos começam com a genealogia de José, para depois entrar nas narrativas da infância. Após a natividade, José permanece em Belém por período indeterminado (talvez dois anos), até ser forçado por Herodes a refugiar-se no Egito; com a morte de Herodes, ele traz a sua família de volta para a Judeia, e instala-se em Nazaré. Após este ponto, não há mais nenhuma menção de José pelo nome, embora a história de Jesus no Templo, no 12º ano de Jesus, inclua uma referência a “seus pais”.

Juntando os evangelhos, tudo o que sabemos de José é que ele teria sido um artesão, esposo de Maria e “pai adotivo” de Jesus. Duvidou da origem divina da gravidez de sua mulher, recebeu conselhos de anjos em sonhos, viajou de Nazaré a Belém para um recenseamento com a esposa grávida montada em um burrico. Diante de uma ameaça a seu enteado, fugiu para o Egito com sua família. Anos depois, levou o menino ao templo durante a Páscoa. No que dependesse dos evangelistas, estaria vivo até hoje, já que sequer sua morte foi reportada por estes autores. Diante da escassez de dados, restaram-nos os apócrifos, os livros que Igreja baniou por considerar não inspirados, que consultaremos na segunda parte deste trabalho.

A última vez na qual José aparece em pessoa nos evangelhos é no relato da visita pascal ao Templo em Jerusalém, quando Jesus tinha 12 anos, encontrado somente em Lucas[4]. Nenhum dos evangelhos faz José presente a qualquer evento durante o ministério de Jesus. Em Mateus, conhecidos da família chamam Jesus de “filho do carpinteiro”, mas sem citar o nome do pai, e nos informam que ele teria irmãos chamados Tiago, José, Simão e Judas[5]. Lucas, talvez preocupado com a reputação de Maria, não menciona quaisquer irmãos[6].

A tradição se encarregou de dizer que Maria enviuvava cedo. O fato de José não ter sido mencionado entre os presentes ao casamento em Caná, no início da missão de Jesus, nem na Paixão, contribuiu para a ideia de sua morte precoce. Se José tivesse acompanhado a crucificação, o costume judaico o faria esperar para tomar conta do corpo de Jesus, mas esse papel é cumprido por [José de Arimateia](#), um simpatizante surgido do nada e de última hora. Tampouco Jesus confiaria sua própria mãe aos cuidados de João se seu pai estivesse vivo.

José é venerado como um santo nas Igrejas Católica, Ortodoxa, Oriental Ortodoxa, Anglicana e Luterana. Na Ortodoxia Oriental, o dia da festa de São José é comemorado no primeiro domingo depois da Natividade de Cristo. No catolicismo e em outras tradições, José é o santo padroeiro dos trabalhadores e ganhou vários dias de festa. Ele também foi declarado santo padroeiro e protetor da

Igreja Católica pelo Papa Pio IX, e é o patrono de vários países como Canadá, México, Áustria, Bélgica, Peru, e, curiosamente, China, Coreia, Filipinas e Vietnã. Com o crescimento da Mariologia (estudo da Virgem Maria), o campo da Josefologia também cresceu e, desde a década de 1950, têm surgido vários centros de estudos sobre José, apesar do pífio material que esse personagem oferece para análise.

José no reino da fantasia

A indiferença dos evangelhos ao pai de Jesus criou um vácuo que os crentes se arrogaram o direito de preencher, munidos de lendas, deduções arbitrárias e, é claro, de acordo com suas próprias necessidades psicológicas e fantasias pessoais. A profissão de carpinteiro o fez “humilde” e “trabalhador”; a aceitação da inexplicável gravidez de sua esposa o tornou “justo”, “paciente”, e dotado de uma fé inigualável; a adoção de Jesus como seu próprio filho lhe deu fama de pai adorável e carinhoso, e a total ausência de palavras suas nos evangelhos o tornou “silencioso”, meditativo e profundo como um monge tibetano. As fantasias projetadas em José transformam sua história em um instrumento tão útil para entender a psicologia do cristianismo quanto o teste de [Rorschach](#), usado pelos psicólogos na avaliação das personalidades de seus entrevistados.

Antes de escrever este capítulo, procurei uma pesquisa ou reportagem relativamente recente da mídia aberta, para verificar o que poderiam dizer sobre José nos dias de hoje. Uma delas, encontrada de imediato, *A Redescoberta de José – As novas revelações sobre a figura misteriosa do carpinteiro que foi o pai de Jesus na Terra*, nos proporcionará uma amostragem suficiente do que pode ser dito hoje em dia sobre esse obscuro personagem do folclore cristão[7].

O título do artigo não cumpre o prometido, pois não traz qualquer “nova descoberta” da arqueologia ou da história religiosa, como por exemplo o achado de um martelo ou serrote pertencente ao próprio José, ou um texto apócrifo inédito dizendo algo novo sobre ele. Trata-se de uma compilação de antigas tradições e de alguns momentos da história da Igreja, acrescida das opiniões pessoais de diversos entrevistados. O subtítulo, ao se referir a José como “o pai de Jesus na Terra”, anuncia seu conteúdo conservador e um desejo sincero de não incomodar a ninguém, objetivo plenamente alcançado pela autora. No entanto, alguns dados poderão nos dar uma ideia do que a cristandade fez com a imagem do santo carpinteiro de Belém. Já de início a autora protesta:

“O pai de Jesus e marido de Maria ainda não encontrou o lugar merecido dentro da reflexão da teologia. Mesmo assim, milhões de pessoas, lugares e instituições levam o seu nome – o mesmo nome que, curiosamente, não aparecia em nenhuma lista de santos ocidentais até o ano 1000. O *Corão*, que data dos anos 600, dedica um capítulo a Maria e nenhuma linha a José. Seria ele o pioneiro dos excluídos?”

Mais adiante:

“Pobre São José. A arte cristã primitiva às vezes o omitia. E até zombava dele. Ocasionalmente, era pintado dormindo em um evento. Até em brincadeiras ele se tornou personagem entre os clérigos católicos: ‘Se alguém diz que vai fazer uma meditação de São José, isso significa que está dizendo em tom de brincadeira que vai tirar uma soneca’.”

Assim, dentre outros atributos, o pai de Jesus ganha agora a condição de vítima de uma conspiração eclesiástica, ainda que inadvertida, ideia nem de longe desprovida de sentido, como veremos adiante. Cabe esclarecer que o referido “evento” no qual José foi representado adormecido é o do nascimento ou da adoração de Jesus: aparentemente, quando se esperaria uma participação ativa do pai da criança divina do cristianismo, os antigos artistas o teriam feito cair em desgraça. Como você verá na segunda parte deste trabalho, a mencionada cena não tem nada de ridículo ou sequer engraçado, abrigando uma fantástica simbologia que nos transportará a uma simbologia engendrada em tempos imemoriais. O chiste acima, por sua vez, só revela até onde os padres conseguem chegar, mesmo dentro do familiar terreno de sua própria teologia.



José adormecido na cena da Natividade, cena recorrente na iconografia cristã.

Os dois testemunhos acima servem para ilustrar o ponto ao qual chegou a imagem deste Santo da Igreja, e uma das principais figuras dos evangelhos. No entanto, avisa o texto, essa desmoralização se reverteu no final dos anos 1300, “quando ele passou por uma das mais extraordinárias reabilitações religiosas da história do cristianismo”. Continuemos nossa leitura:

“José virou um ‘pai adorável’ para Jesus, bem diferente das descrições anteriores, de um homem alienado e distante. No livro *Christ the Lord!*, Anne Rice, escritora americana, retrata José como um líder e protetor resoluto de um garoto que apenas gradualmente percebe sua natureza única... sua aparência, ao longo do tempo, mudou. Em 1570, Johannes Nolanus, o czar da arte religiosa, baniou o velho José da história e o transformou em ‘vigoroso e atraente’. Teria se tornado o padroeiro das famílias – o que prevalece até hoje”.

De onde teria vindo o “pai adorável” não se tem a mínima ideia, mas este comentário mostra como funciona a teologia cristã. A mudança de status ou mesmo da representação artística da imagem de seus santos não é ditada por profundas reflexões místicas ou análises de cunho teológico, mas por necessidades políticas, psicossociais, institucionais ou mesmo fisiológicas da Igreja enquanto organização terrena, assim como as motivações emocionais de seus autores. A “reabilitação religiosa” de José ao final do século XIV se deveu a um momento social ou institucional que exigia uma valorização da família ou da função paterna, que não vale a pena ser discutido aqui. Em uma situação semelhante, 1889 o Papa Leão XIII publicou a encíclica *Quamquam Pluries*, na qual exorta os católicos a rezar a São José, como patrono da Igreja, tendo em vista os desafios enfrentados pela Igreja naquele tempo. Por outro lado, opiniões como a de Johannes Nolanus ou Anne Rice só interessarão aos psicanalistas, profissionais particularmente interessados na figura paterna internalizada de seus pacientes, e em suas fantasias mais recônditas com relação a essa mesma entidade. Deste último fenômeno nem mesmo os papas escaparam, como se entrevê na declaração de João XXIII:

“Como é doce, calmo, sereno, suave o pensamento de São José, meu primeiro e predileto protetor”.

São Tomás de Aquino, um dos maiores teólogos da Igreja juntamente com Santo Agostinho, muito antes do santo padre já tinha escrito:

“Alguns santos receberam o privilégio de nos proteger em casos particulares. A São José foi conferido o encargo de nos socorrer em toda necessidade e em qualquer negócio: de defender, proteger e amparar com perene benevolência todos os que a ele recorrem”.

Diante da total ausência de dados objetivos sobre a personalidade de José, não teremos alternativa senão confiar na palavra destes sábios doutores. O artigo ainda acrescenta várias opiniões da mesma categoria acima: o escritor Paulo Coelho declarou-se “feliz em pensar que a mesa onde Cristo consagrou o pão e o vinho teria sido feita por José” – cá entre nós, uma verdadeira crueldade se lembramos da tradição de que o pobre homem já contava noventa anos ao tomar Maria como esposa. Outro entrevistado, um sacerdote da centenária Paróquia São José do Belém, em São Paulo, contribui com as seguintes novidades: “Era noivo de Maria, carpinteiro e recebia mensagens de Deus em seus sonhos”; em seguida, acrescenta que José é “pai porque é ele quem vai cuidar da criança e ensinar a ela a sua profissão”.^[8] Um teólogo e ex-padre brasileiro, ao ser interrogado sobre José, prefere recorrer a uma fonte fidedigna: “Ele era um homem justo, como disse minha mãe”. Em outro parágrafo, referindo-se à virgindade de Maria e à condição de José como “pai adotivo” de Jesus, valeu-se de uma metáfora futebolística: “É o Flamengo... quem acredita veste a camisa”. Para coroar todas as contribuições teológicas acima, o artigo termina com uma frase do reverendo José Chorpenning, diretor editorial da St. Joseph’s University Press, da Filadélfia, sobre o silêncio em torno de José:

“Na medida em que os Evangelhos são esparsos em detalhes sobre José, e ele parece desaparecer de cena sem-cerimônia, acredito que isso tenha despertado uma espécie de meditação sobre ele em grandes figuras da cristandade ocidental, gerando um retrato mais completo.”

A frase acima, que admite sem rodeios a notória falta de dados sobre o padrasto de Jesus, ficará ainda melhor se substituirmos a mencionada “meditação” por “fantasias”, as verdadeiras responsáveis pelo “quadro mais completo” sobre José ao qual o artigo se refere. Conforme você verá até o fim deste trabalho, mesmo o silêncio – *de* José e *sobre* José – tem uma função essencial no estudo dessa mítica figura importada pelo cristianismo de mitos anteriores ao do assim chamado Nazareno.

Um trabalhador explorado

A surpreendente “reabilitação religiosa” de José no século XIV não traria qualquer descanso a esse injustiçado santo, que passou a ser utilizado politicamente conforme as exigências dos tempos vigentes. O Papa Pio IX (1846–1878) proclamou São José o patrono não-oficial contra “a dúvida e a hesitação”, por conta de sua cordial aceitação — após um compreensível instante de revolta — da inesperada gravidez de Maria. Em 1955, o papa Pio XII acrescentou um novo viés do santo ao dedicar o dia 1º de maio a “São José Operário, o Trabalhador”, uma excelente contrapartida ao modelo imaginado por Karl Marx, aquele que considerava a religião o “ópio do povo”. Assim, José tornou-se o santo padroeiro da “luta contra o comunismo” – inaugurando, destarte, a figura do José militante! Entretanto, apesar de tantas homenagens, só em 1962 o papa João XXIII incluiria o nome de José no cânone da missa católica, do qual estivera alijado desde os primórdios da Igreja. Não deixa de ser irônico que o paladino da direita religiosa, inimigo do comunismo, modelo de operário — ah, sim, e extremoso “pai adotivo” de Jesus — só teria o privilégio de participar do culto a seu amado filho quase dois mil anos após sua própria morte.

Entretanto, apesar dos esforços destes papas, provavelmente ninguém teria mais motivos para apreciar o velho carpinteiro do que os cristãos da esquerda. Leonardo Boff, ex-padre e teólogo católico, ao criar seu São José particular, diz que o artesão, descendente de Davi, tinha uma oficina no pátio da casa. Nesse singelo local, entre pregos, martelos, rolos de barbante e cunha, o velho carpinteiro teria iniciado Jesus em sua vida profissional.

“É dentro desse universo de trabalho, de mãos calosas, do suor no rosto, das canseiras cotidianas e do silêncio, que se desenrolou a vida anônima de José. Provavelmente, ele e Jesus também teriam trabalhado no campo, no cultivo de plantas e legumes e no pastoreio de cabras, ovelhas e gado”.[\[9\]](#)

A imagem do trabalhador humilde — embora possua um “pátio” na própria casa —, que sobrevive à custa do suor do próprio rosto vertido na consecução de um ofício rude e extenuante, tem o condão de atrair a simpatia de qualquer um, mesmo aqueles que nunca tiveram de passar por situação equivalente. Mais do que isso, a representação de José como um operário braçal pode torná-lo um ícone para todos os demais trabalhadores comuns, e candidato natural a seu patrono. A Igreja gosta de usar padroeiros como modelos para condicionar o comportamento de seu dócil rebanho, e assim José não fugiria facilmente a seu novo encargo.

No mundo cristão, José é uma figura francamente desafortunada: os dois evangelhos que falam dele já o abandonam ao fim da infância de Jesus, quando o adorável e amoroso “padrasto” de seu Messias deixa de ser necessário. O próprio Deus Onipotente nunca lhe daria uma vida confortável, obrigando-o a sustentar Jesus somente com seus escassos recursos de carpinteiro; quando Herodes ameaçou o menino, apesar do aviso do anjo, José sequer ganhou uma carona para o Egito, benefício que o deus bíblico não negara a outros personagens como Elias ou Enoch em tempos mais recuados. Jesus jamais o menciona nos evangelhos oficiais: ele, que ressuscitara várias pessoas, caíra em prantos ao saber da morte de Lázaro e devolvera à vida uma penca de defuntos ao emitir seu último suspiro, não poupou José de uma morte que o impediria de testemunhar a vida pública do próprio filho. Quanto aos ingratos evangelistas, estes sequer se dispuseram a lhe conceder uma curta nota fúnebre em sua obra.

O islamismo, por sua vez, preferiu ignorar o pai de Jesus: o Corão dedica um capítulo inteiro a Maria e nenhuma linha a José. No Candomblé, São José foi sincretizado com [Aganju](#), ou Xangô Aganju, e tratado como uma entidade primordial, associada à terra (em oposição à água), às montanhas e vulcões[\[10\]](#). O pai de Jesus tampouco teve sorte com seus próprios veneradores: todas as qualidades e atribuições dadas a esse santo são francamente utilitaristas, pois os padres só recorrem a ele para

satisfazer suas próprias necessidades, sejam elas pessoais, ideológicas ou corporativas. Por uma estranha e inexplicável razão, chamam a isso “teologia”, fato que não vale a pena tentar compreender.

Desde o início, José não se constituía num personagem autônomo ou consistente, pois o “padrasto” de Jesus não passa de uma criação posterior: Marcos, autor do mais antigo dos evangelhos e que serviu de modelo para os relatos de Mateus e Lucas, o ignorava completamente. João, o último a chegar à festa, só o menciona duas vezes, e apenas para se referir a Jesus como “filho de José”. Mateus e Lucas, os mais românticos dos quatro e que inventaram belas fábulas como a da Natividade, se encarregaram de construir um pai postiço para seu Salvador, e aqui começa a saga de José como a figura mais ingratamente explorada da mitologia cristã.

Primeiro, os dois zelosos evangelistas precisavam demonstrar que Jesus era descendente de Davi, tarefa impossível de se cumprir se o seu mestre fosse filho de mãe solteira. Urgia dar a Maria um marido, pois na sociedade insanamente machista dos judeus uma mulher não teria sequer como sobreviver sozinha, muito menos viajar a Belém, fugir para o Egito, e cumprir compromissos sociais como a circuncisão do menino e a visita pascal ao Templo, ou mesmo pedir uma xícara de chá emprestada aos vizinhos. São Tomás de Aquino, sempre brilhante, justificou a estranha presença de José no plano da Encarnação do Verbo lembrando que, se Maria não tivesse se casado, os judeus a teriam apedrejado, e que em sua infância Jesus precisaria de cuidado e proteção de um pai humano — já que seu Pai divino, em sua notória má vontade para com o carpinteiro, não parecia muito disposto a assumir tão mundanas funções.

A relação entre José e a Virgem Maria gerou opiniões variadas. A Igreja Ortodoxa Oriental postula que José era viúvo e meramente “prometido” a Maria, mas não casado, e que as referências aos “irmãos” de Jesus são para filhos de José e Salomé, sua primeira esposa. A Igreja Católica, baseada nos escritos de São Jerônimo, vê José como o marido de Maria, mas insiste que os “irmãos” de Jesus devem ser interpretados como primos ou meio-irmãos. Todavia, a palavra grega *adelphos*, utilizada nos evangelhos, designa precisamente os irmãos de pai e mãe; o irmão somente de pai chama-se *adelphos homopátrios*, enquanto a palavra exata para primo é *anépsios*, termos jamais usados pelos evangelistas para se referir aos parentes de Jesus. Mas quem se importa? Em ambos os casos, a doutrina sustenta que José e Maria nunca tiveram relações sexuais, assertiva surpreendente diante da completa falta de informações factuais sobre o casal. Discussão à parte, nos evangelhos tanto parece que José e Maria eram casados que Mateus nos deixa saber que só um divórcio poderia dissolver sua união:

“Eis como nasceu Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava desposada com José. Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por virtude do Espírito Santo. José, seu esposo, que era homem de bem, não querendo difamá-la, resolveu rejeitá-la secretamente”.[\[11\]](#)

Ao se dar crédito à passagem acima, surge imediatamente a interrogação: se José consistia num mero tutor de Maria, por que teria se atormentado — a ponto de ter de ser tranquilizado por um anjo — diante da gravidez de Maria, e pensado em rejeitá-la? Para responder a esta questão, os doutores cristãos mais uma vez apelaram aos famigerados apócrifos, cuja contribuição não valerá a pena mencionar aqui. No século III, [Orígenes](#), em uma homilia, tentou escusar o carpinteiro de seu momento de mesquinhez com uma desculpa esfarrapada:

“José era justo e a sua virgem era sem mancha. A sua intenção de deixá-la se explica pelo fato de ter reconhecido nela a força de um milagre e um mistério grandioso. Para aproximar-se disso, ele se considera indigno”.

Este é o principal problema das revelações, cuja estrutura nos lembra um barco furado no qual para cada buraco tapado aparecem outros dois. De um ponto de vista mais amplo, pode-se entender a criação de um pai para Jesus como uma reação instintiva do sistema patriarcal ao culto matriarcal que se

insinuaria na história de uma deusa-mãe virgem como tantas havia naquele tempo. A história original de Jesus, fortemente calcada no culto à deusa egípcia Ísis, seria indigesta para a sociedade judaica e absolutamente insuportável aos olhos dos misóginos Padres da Igreja do Cristo por eles forjado. Por essa razão, os relatos cristãos foram com o tempo sendo destituídos de qualquer conteúdo que dignificasse ou mesmo reconhecesse o valor do Princípio Feminino, até transformar a Igreja em um reduto exclusivamente masculino. Os chamados gnósticos bem que tentaram manter essa chama acesa, e por essa e outras razões foram exterminados pelos piedosos sacerdotes d’Aquele que viera ao mundo pregar a tolerância e o amor universal.

Toda a discussão acima trata de apenas um dos inúmeros conflitos entre a figura do Jesus mítico e místico com a do Jesus carnal, que os autores precisavam resolver de qualquer maneira: enquanto o primeiro Jesus teria de ser filho de uma virgem, conforme veremos na segunda parte deste trabalho, o segundo precisava de um pai biológico para contentar os judeus que aguardavam seu tão ansiado Messias. Se não fosse descendente de Davi, Jesus não teria qualquer chance de convencer o povo de sua condição messiânica. Aí entra José, pela porta dos fundos, como um *deus ex-machina* de Eurípides, para resolver o problema: o pobre carpinteiro ficou sendo o pai, sem ser pai, do filho da virgem que não era homem, mas Deus, enviado por Si próprio para pagar por um pecado que não era Seu, mas tinha sido cometido contra Ele, embora por Ele mesmo incentivado ao deixar suas inocentes e recém-nascidas criaturas serem tentadas por uma entidade tão astuta quanto mal-intencionada[12]. Quanto a nós, embora não tivéssemos ainda nascido, herdamos a culpa de nossos ancestrais, como uma espécie de doença sexualmente transmissível. O pecado? Bem, basicamente foi o de ouvir os conselhos nutricionais de uma serpente falante. Embora a serpente tenha dito a verdade, a de que o fruto proibido “abriria os olhos” de quem os provasse, ela foi punida assim mesmo, juntamente com quem acreditou nela. Para nos redimir desse pecado, o Deus enviado por si próprio deveria morrer, mesmo sendo imortal, e, mais importante ainda: tendo o rei Davi como ancestral, José daria a Jesus a descendência necessária para tornar-se o Messias dos judeus, apesar de não ser de fato seu pai. Até aqui, como você pode perceber, tudo claro como água! A clareza sempre foi intrínseca aos dogmas cristãos, e não seria aqui que estes haveriam de nos decepcionar.

Em seguida os dois evangelistas tentam conciliar a exigência de que o Messias nasceria em Belém (por causa da profecia sobre o Messias) com a tradição de que Jesus viria de Nazaré. Mateus é o único autor que narra a fuga dos pais de Jesus para o Egito, visando escapar de Herodes, que desejava matar a criança predestinada a tornar-se o Rei dos Judeus: os demais evangelistas, apesar da inspiração divina, ignoram esse importante acontecimento. Mateus diz que José e Maria, após a adoração dos magos ao menino, fugiram às pressas de Belém sem passar por Jerusalém, indo direto para o Egito, para evitar a ira de Herodes. Lucas contradiz essa informação ao dizer que o casal estivera em Jerusalém, sem mencionar fuga alguma, para citar apenas uma dentre as dezenas de incoerências observadas entre os quatro evangelhos.

No afã de conferir descendência davídica ao novo personagem, Mateus e Lucas compuseram à sua moda genealogias contraditórias, uma falha imperdoável para textos divinamente inspirados. Mateus faz de José filho de Jacó, um provável paralelo ao José do Egito, filho do patriarca judeu Jacó, enquanto Lucas o considera filho de um tal de [Heli](#)[13] — dizemos “um tal”, porque ele não tem história alguma, consistindo em mais um dentre inúmeros fantasmas bíblicos. Sobre este assunto a [Enciclopédia Católica](#) comenta:

“São Mateus chama São José filho de Jacó, e de acordo com São Lucas seu pai era Heli. Este não é o lugar para citar os mais variados esforços para resolver as vexatórias questões decorrentes das divergências entre as duas genealogias, nem é necessário salientar a explicação que atende melhor a todos os requisitos do problema; basta lembrar

ao leitor que, ao contrário do que foi outrora reivindicado, a maioria dos escritores modernos prontamente admitem que em ambos os documentos possuímos o genealogia de José, e que é perfeitamente possível conciliar os seus dados”.

O parágrafo acima nos dá uma ideia do quão indigesta aos padres é essa divergência na genealogia de Jesus, com grande número de nomes diferentes em cada lista, que eles por si mesmos qualificam de “vexatória”. Enquanto Mateus registra vinte e oito gerações entre Davi e Jesus, Lucas apresenta quarenta e oito, e apenas três dos nomes intermediários são os mesmos nas duas listas. Aliás, a genealogia sequer teria motivo para ser redigida após José deixar de ser considerado o verdadeiro pai de Jesus. No entanto, o problema acabou sendo “resolvido” ao velho estilo cristão, ao se determinar que Mateus seguira a principal linhagem de José desde Salomão – outro fantasma histórico —, enquanto Lucas teria preferido a linhagem secundária que passaria por Nathan. Para fundamentar essa opinião, a [Enciclopédia Católica](#) teve de renegar a genealogia dada por Lucas, mesmo que divinamente inspirada. Este argumento é fácil de refutar[14], mas como o problema é só deles e de mais ninguém, o deixaremos para trás: a sina dos fabricantes de dogmas é a de viver em sobressalto, e ficar apagando quaisquer incêndios surgidos pela eternidade afora que possam abalar sua credibilidade.

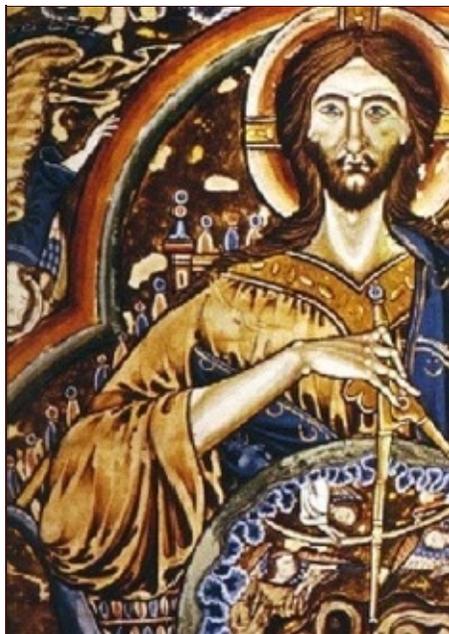
O culto a São José provavelmente tem origem no Egito, onde também começara o culto à Virgem Maria e à Trindade, passando mais tarde para o Ocidente, quando alcançou relativa popularidade. Em 1870, o papa Pio IX o proclamou Patrono da Igreja Universal, cultuado no dia 19 de março. Em alguns países da Europa, como a Itália, o 19 de março também é festejado como o Dia dos Pais. A escolha da data não parece ter sido impensada: do ponto de vista mítico, o 19 de março torna-se adequado por ser o dia anterior ao Equinócio de Primavera, período igualmente aproveitado para celebrar a Anunciação a Maria (25 de março). Assim, nada mais apropriado do que venerar o arquétipo da figura paterna no período atribuído à concepção de Jesus.

Mas José receberia alguns prêmios de consolação, do mesmo modo que alguns profissionais ganham um belo relógio dourado ao se aposentar. Uma vez consolidada a reputação de Maria como mãe assexuada, os evangelistas livraram-se dele rapidamente, mas a Igreja compensaria o ostracismo conferindo-lhe uma “boa morte”, uma espécie de eutanásia teológico-literária. Juntamente com a Virgem Maria e o Menino Jesus, José tornou-se um dos três membros da Sagrada Família, um dentre tantos outros títulos de consolação com utilidade indeterminada para o agraciado. Os primeiros registros de uma sequência devocional formal de São José, datados do ano 800, referem-se a ele como *Nutritor Domini* (educador, tutor ou nutridor do Senhor), movimento que cresceu significativamente até o século XIV.

Além do título de patrono da Igreja Universal, protetor contra a “dúvida e a hesitação”, bem como o da “luta contra o comunismo”, como já sabemos, o Papa Pio IX proclamou São José o padroeiro de uma “feliz” ou “boa morte”. Depois de ter expirado “nos braços de Jesus e Maria” de acordo com a tradição católica, ele é considerado o modelo do crente piedoso que recebe a graça no momento derradeiro, e reza especialmente por famílias, pais, mulheres grávidas, viajantes, imigrantes, vendedores e compradores de casas (e por consequência, conclua-se, os corretores de imóveis); acrescente-se ainda artesãos, engenheiros, carpinteiros, advogados e trabalhadores em geral, autônomos ou não. Assim, apesar de já se encontrar há dois mil anos na companhia dos anjos do céu, José, um trabalhador despedido sem justa causa e sem compensação por tantas horas extras acumuladas, tem sua aposentadoria perturbada pelo encargo de orar pelos outros, mesmo que sejam advogados! Por outro lado, por razões desconhecidas, negaram-lhe a patronagem sobre os maridos traídos, matéria sobre a qual sem dúvida este santo teria muito a nos ensinar.

Uma explicação psicanalítica sobre tanta ambiguidade no trato com a figura do “pai adotivo” do próprio Verbo encarnado deixaria Freud encantado. José é a um só tempo amado, por ter colaborado

passivamente com o mirabolante plano da encarnação do Verbo Divino sem exigir quaisquer compensações, e odiado, ainda que de forma inconsciente, por ter com sua simples presença lançado suspeitas à pureza de Maria. A hostilidade latente contra ele foi convenientemente substituída pela sublimação, ao trocar sua incômoda condição de problema teológico pela de pai modelo de todos os pais, e exemplo de todos os trabalhadores. As homenagens e patronagens concedidas a José teriam se originado da culpa inconsciente pelo acintoso descaso à sua figura e pelo ostracismo ao qual foi injustamente arrojado; e, assim como o horrendo pai da Horda Primitiva inventado pelo criador da psicanálise, José acabou idealizado somente após sua morte – fosse ela física, histórica ou teológica.



José, o apócrifo

Dentro de nosso projeto, o espaço dedicado ao José do cristianismo já se estendeu o suficiente. A conclusão da discussão efetuada até aqui é a de que, se quisermos encontrar algo de substancial sobre a figura de José e de sua função na história de Jesus, teremos de deixar as especulações de lado e fazê-lo sozinho, tarefa que abraçaremos a partir de agora. Conforme comentamos anteriormente, a precariedade dos dados sobre José nos evangelhos canônicos abriu espaço para a fantasia dos fiéis, e assim, ironicamente, o maior acervo de informações sobre o pai de Jesus se encontra nos escritos apócrifos, banidos desde o triunfo definitivo da Igreja Cristã sobre os demais cultos. Os apócrifos foram sistematicamente queimados, o que não impediu a sobrevivência de alguns para contar histórias alternativas sobre o carpinteiro de Belém.

Diz uma lenda cristã que José foi escolhido, dentre um grupo de candidatos, como futuro esposo de Maria, por meio de um teste simbólico de fertilidade. Todos os postulantes colocaram seus cajados sobre o altar do templo, mas somente o de José floresceu, em prova de sua potência mágica. Em seguida, a pomba do “Espírito Santo” – originalmente, um pássaro dedicado a Afrodite –, desceu do céu e pousou sobre o bastão de José, em sinal da aceitação da deusa.[15]

A [Enciclopédia Católica](#) por sua vez nos informa:

“As principais fontes de informação sobre a vida de São José são os primeiros capítulos do nosso primeiro e terceiro Evangelhos [Mateus e Lucas], pois eles também são praticamente as únicas fontes confiáveis (...) a literatura apócrifa é cheia de detalhes, a não admissão dessas obras para o Cânon dos Livros Sagrados lança uma forte suspeita sobre o seu conteúdo (...). Entre essas produções apócrifas que tratam mais ou menos intensamente de alguns episódios da vida de São José pode-se citar o chamado ‘[Evangelho de Tiago](#)’, o ‘[Pseudo-Mateus](#)’, o ‘[Evangelho da Natividade da Virgem Maria](#)’, a ‘[História de José, o Carpinteiro](#)’ e a ‘Vida da Virgem e a Morte de José’.”

Grosso modo, a história contida nos Apócrifos pode ser assim resumida: José era um carpinteiro que construía arados, jugos (cangas para bois), outras ferramentas de madeira para o cultivo, e também camas de madeira. Aos 40 anos, ele se casou com Milca ou Escha, também chamada Salomé. Durante seus 49 anos de casamento, ele teve quatro filhos e duas filhas. Após um ano de viuvez e aos 90 anos de idade, um prodígio indicou-o como o escolhido para tomar conta de Maria, então com doze anos. A Anunciação ocorreria dois anos depois. Em Belém, José saía em busca de uma parteira quando o bebê nasceu milagrosamente, sem fazer Maria perder a virgindade![16] A *Enciclopédia Católica* assim comenta as informações advindas da literatura apócrifa (grifos nossos):

“Não será sem interesse recordar aqui, *por menos confiáveis que sejam*, as longas histórias sobre o casamento de São José contida nos escritos apócrifos. (...) Essas *fantasias*, como São Jerônimo as qualificou, das quais muitos artistas cristãos têm tirado sua inspiração, *são nulas de autoridade*, embora no decorrer dos séculos tenham adquirido alguma popularidade; neles alguns escritores eclesiásticos procuraram a resposta para a *dificuldade* bem conhecida decorrente da menção no Evangelho de ‘irmãos do Senhor’. Também deles a *credulidade popular* tem, ao contrário de toda a probabilidade, bem como a tradição testemunhada por antigas obras de arte, tiraram a crença de que São José era um homem de idade na época do casamento com a Mãe de Deus”.

Esses dois parágrafos, extraídos da enciclopédia autodenominada “Um trabalho de referência internacional sobre a Constituição, Doutrina, Disciplina, e História da Igreja Católica”, nos ensina como funciona o pensamento cristão fundamentalista. Ao rever as partes grifadas acima, concluiremos:

- Os escritos apócrifos não são confiáveis, mas assim mesmo a Enciclopédia nos fez a gentileza de comentá-los;
- Eles não passam de fantasias, como já avisara São Jerônimo, totalmente desprovidas de autoridade;
- Apesar disso, alguns teólogos desesperados buscam neles a solução para “dificuldades” que os atormentam, como a menção a “irmãos de Jesus”, por trazer dúvida à virgindade perpétua de Maria, dogma inegociável de uma Igreja erotofóbica[17];
- Por inacreditável que pareça, e por mais que tenha sido avisada, a plebe ignara insiste irritantemente em dar crédito a essas fantasias veiculadas pelos apócrifos, supostamente indignos da credibilidade conferida aos evangelhos canônicos.

A moral da história referente ao apócrifos parece assim se resumir: eles são espúrios, mas se neles encontrarmos algo conveniente, deveremos aproveitá-lo. Cabe também assinalar que a dita “credulidade popular” com relação aos apócrifos, mencionada com desprezo pelos redatores, corresponde exatamente àquilo que eles mesmos chamam de “fé” quando se trata dos evangelhos canônicos. Nada diferente do que escreveu Tertuliano: “é para ser acreditado por qualquer meio, porque é absurdo”. [18] Quanto a nós, embora prefiramos dispensar o conselho desse doutor da Igreja, acataremos a recomendação implícita no texto da *Enciclopédia* e seguiremos os passos de seus pesquisadores, juntando informações advindas dos apócrifos ao material mítico que nos espera na segunda parte deste livro.

José, o artesão

Como José não diz uma única frase em qualquer dos evangelhos, somos sempre obrigados a recorrer a testemunhos de terceiros para saber algo sobre seu personagem. Os evangelhos descrevem José com o nome grego *tekton* (τέκτων); Mateus 13:55 se refere a Jesus como o filho de um *tekton* e o Evangelho de Marcos 6:3 afirma que Jesus foi ele próprio um *tekton*. Diz o evangelho de Marcos:

“Não é ele o carpinteiro (*ho tekton*), o filho de Maria, o irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? Não vivem aqui entre nós também suas irmãs?”[\[19\]](#)

Mateus escreveu:

“Não é este o filho do carpinteiro? – *ho tou tektonos huios?* – Não é Maria sua mãe? Não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?”[\[20\]](#)

Tradicionalmente, a palavra tem sido entendida como “carpinteiro”, embora o termo grego evoque um artesão de madeira em geral, ou mesmo em ferro ou pedra. A expressão *xylon tektonas* designa os “artesãos da madeira”, enquanto *lithon tektonas* refere-se aos “artesãos da pedra” ou pedreiros. Sua raiz é a mesma que nos trouxe termos genéricos como “técnica” ou “tecnologia”. O dicionário *Strong's Concordance* assim define *tekton*[\[21\]](#):

- trabalhador em madeira, carpinteiro, marceneiro, construtor;
- carpinteiro ou construtor de um navio;
- qualquer artesão ou operário;
- poeta, compositor de canções;
- planejador, inventor, criador de enredo;
- autor.

A palavra *tekton* aparece pelo menos vinte vezes na Septuaginta[\[22\]](#), a tradução grega do Antigo Testamento, em lugar do original hebraico *charash* (חרש), que significa “artesão, gravador, gravurista, artífice”, além de outro significado que será comentado adiante[\[23\]](#). [John Dominic Crossan](#), historiador das religiões especializado no cristianismo primitivo, sugeriu que o termo *tekton* em seu contexto histórico mais se assemelha a um trabalhador itinerante do que um artesão estabelecido. Outros argumentam que *tekton* poderia igualmente significar um artesão altamente qualificado em madeira ou em metal. O acadêmico britânico [Geza Vermes](#) alegou que os termos “carpinteiro” e “filho de um carpinteiro” são usados no Talmude judaico para designar um homem muito culto, e sugere que a descrição de José como *naggār* (artesão, em aramaico) poderia indicar que ele era considerado sábio e altamente alfabetizado na Torá. De qualquer modo, o termo *naggār* não é encontrado no aramaico ou hebraico bíblicos ou em documentos do período do Novo Testamento, embora seja usado em textos talmúdicos posteriores como metáfora para um manejador hábil da Palavra de Deus[\[24\]](#).

À parte as informações acima, a preferência pela imagem de José como um carpinteiro é evidente na tradição cristã: conforme vimos, Justino Mártir (c.100-165) escreveu que Jesus fazia jugos (cangas para bois) e arados, além de outras referências semelhantes. Sem dúvida, um pai carpinteiro contribui muito mais para a imagem de um Jesus de origem humilde do que um sábio especializado na Torah: em nada interessaria um José inteligente demais, dado que seu papel de obediência incondicional, aliado a uma fé cega, não exigiria um QI particularmente alto. Quanto a nós, exceto quando for necessário ressaltar um termo em particular, daqui para a frente nos referiremos a José muitas vezes como um *artesão* ou *artífice* para efeito de maior mobilidade, dada a flexibilidade da palavra, que compreende inclusive o significado de carpinteiro. O significado mítico e místico da palavra, por sua vez, será

II – JOSÉ, O MITO

O sofredor justo

A *História de José o Carpinteiro*, escrita no século V e apresentada como uma biografia de José ditada por Jesus, descreve como José, com 90 anos, viúvo com quatro filhos e duas filhas, toma sob sua responsabilidade a jovem Maria, então com doze anos de idade, que passa a viver em sua casa até estar pronta para se casar aos 14 anos e meio. A morte de José aos 111 anos, com a presença de Jesus, Maria e alguns anjos, e a reafirmação a virgindade perpétua de Maria, ocupam cerca de metade do texto. No trecho abaixo José, sentindo a aproximação da morte, profere uma lamentação cheia de dor:

“Ai, miserável de mim! Ai do dia em que minha mãe me trouxe ao mundo! Ai do seio materno do qual recebi o germe da vida! Ai dos peitos que me amamentaram! Ai do regaço em que me reclinei! Ai das mãos que me sustentaram até o dia em que cresci e comecei a pecar! Ai de minha língua e de meus lábios que proferiram injúrias, enganos, infâmias e calúnias! Ai dos meus olhos, que viram o escândalo! Ai dos meus ouvidos que escutaram conversações frívolas! Ai das minhas mãos que subtraíram coisas que não lhes pertenciam!

Ai do meu estômago e do meu ventre que ambicionaram o que não era deles! Quando alguma coisa lhes era apresentada, devoravam-na com mais avidez do que poderia fazê-lo o próprio fogo! Ai dos meus pés que fizeram um mau serviço ao meu corpo, já que o levaram por maus caminhos! Ai do meu corpo todo que deixou a minha alma reduzida a um deserto, afastando-a de Deus que a criou! Que farei agora? Não encontro saída em parte alguma! Em verdade é que pobres dos homens que são pecadores! Esta é a angústia que se apoderou de meu pai Jacó em sua agonia, a qual veio hoje a ter comigo, infeliz. Mas, ó Senhor, meu Deus, que és o mediador de minha alma e de meu corpo e de meu espírito, cumpre em mim a tua divina vontade”.

A lamentação de José, tido como homem santo e justo, como se fosse a confissão de um pecador, deve ser interpretada mais como um elogio à humildade de um homem agonizante do que a uma revelação de uma maldade até então mantida em segredo. O teor dramático de seu arrependimento e a preocupação com o julgamento de sua alma se inspira em um tema mítico-religioso muito anterior ao cristianismo, chamado tema do “Sofredor Justo”. Picknett-Prince comentaram:

“Chegou-se a sugerir que Jesus e aqueles que pertenciam a seu círculo desenvolveram seu próprio conceito do Messias, incorporando-lhe o ideal do Sofredor Justo, derivado da figura de José nos textos apócrifos judaicos. Significativamente, porém, no norte herético da Palestina, o José ‘sofredor’ absorvera algumas das características do culto sírio a Adônis-Thammuz. (...) É provável que Jesus chamasse a si mesmo de Bom Pastor em referência a Thammuz, e que seus seguidores na época estivessem familiarizados com o termo; Belém era um dos principais centros do culto a Adônis-Thammuz”.[\[25\]](#)

O erudito Samuel Kramer descobriu um texto sumério sobre o tema do “Sofredor Justo”, conhecido como “Um Homem e seu Deus”. O *Ludlul Belnemeqi*, texto babilônico também conhecido como o “Jó da Babilônia”, trata do imerecido sofrimento de um homem chamado Shubshi-Meshre-Shakkan. O *Poema do Sofredor Justo*, encontrado na Suméria e Babilônia, versa sobre um homem de posição elevada e próspera que passa a sofrer aflições crescentes. Esquecido por deuses e homens, ele muda da perplexidade e dúvida para o total desespero:

Meu Deus me abandonou e desapareceu,

*Minha deusa faltou comigo e mantém distância.
O anjo benevolente que caminhava ao meu lado se foi,
Meu espírito protetor alçou voo, e está buscando a outro.
A minha força se esvaiu, minha aparência tornou-se sombria...*

A maior parte do poema, no entanto, é uma defesa de todo o sistema de doutrina tradicional e ritual. No final ele glorifica a Marduk, o grande deus babilônico, que restituiu ao doente sua felicidade e prosperidade[26].

A Bíblia copia este antigo tema na história de Jó, o homem justo que passa pelas mais terríveis provações a sua fé. Os lamentos de José não diferem muito dos de Édipo, ao descobrir ter matado seu próprio pai, nem dos de Jó, ao passar por todas as desgraças impostas por seu próprio Deus. As “Confissões Negativas de Culpa” do Livro dos Mortos egípcio, uma coleção de afirmações de inocência que eram incluídas em antigos ritos funerários egípcios, especialmente o conteúdo do capítulo 31, também foram muitas vezes comparadas ao discurso de Jó, cuja semelhança com os lamentos de José são inequívocas:

“Pereça o dia em que nasci e a noite em que foi dito: uma criança masculina foi concebida!
Que esse dia se mude em trevas! Que Deus, lá do alto, não se incomode com ele; que a luz não brilhe sobre ele!...

Por que não morri no seio materno, por que não pereci saindo de suas entranhas? Por que dois joelhos para me acolherem, por que dois seios para me amamentarem? Estaria agora deitado e em paz, dormiria e teria o repouso... Ou então, como o aborto escondido, eu não teria existido, como as crianças que não viram o dia. Por que conceder a luz aos infelizes, e a vida àqueles cuja alma está desconsolada, que esperam a morte, sem que ela venha, e a procuram mais ardentemente do que um tesouro, que são felizes até ficarem transportados de alegria, quando encontrarem o sepulcro?”[27]

Voltaremos ao mencionado texto egípcio, usado desde o Novo Império (c.1550 AEC), ainda neste livro. Nosso objetivo aqui consiste apenas em associar os lamentos de José a textos muito mais antigos, especialmente os egípcios, que tanta influência exerceram sobre os livros apócrifos, como a primeira ligação entre o conto evangélico e as fontes pagãs que ajudaram a construí-lo, que serão examinadas uma por uma a partir de agora.

José, o Titã

Depois de nossa obrigatória incursão pelo mundo da teologia cristã, poderemos nos permitir ingressar no campo mitológico com uma quantidade de material suficiente para começar a trabalhar. A mudança do foco de nosso estudo sobre José, o enigmático pai de Jesus, implica o dever de encontrar as figuras mitológicas que colaboraram na construção de seu personagem. Se as antigas divindades inspiraram a criação do próprio Jesus e de sua mãe Maria, como pudemos verificar no volume I desta coleção, por que deixariam José de lado? Em uma religião patriarcal, a deusa-mãe precisa estar atrelada a um marido, que assume a tutela de seu divino rebento. Pois bem, nossa tarefa agora consistirá em provar o mais que óbvio, o inevitável fato de que José teve sua personalidade montada a partir das antigas tradições pagãs. Sequer seu título de Carpinteiro ou Artífice lhe é exclusivo, pois deuses ou homens divinos das mais variadas tradições são assim chamadas:

- na Índia, temos Buda e Vishvakarma;
- na China, Fu-Shi;
- no Egito, Ptah;
- na Grécia, Hefesto, Cíniras e o Grande Arquiteto dos platônicos[28];
- na Suméria, Ninhursag;
- na Mesopotâmia, Nin-Ildu;
- entre os romanos, Vulcano;
- entre os druidas, Hesus;
- em Canaã, Khotar-wa-Khasis.

O Novo Testamento atribui o mesmo título ao próprio deus cristão, sob a forma grega *demiurgos*, nesta passagem de Hebreus:

“Porque tinha a esperança fixa na cidade assentada sobre os fundamentos (eternos), cujo arquiteto e construtor (demiurgo) é Deus”. [29]

Nosso ponto de partida para identificar as origens pagãs de José consiste no fato de ele ser o esposo de uma deusa, mais especificamente uma deusa-mãe virgem, como tantas outras mencionadas no nosso estudo da Natividade. Para tal deveremos recorrer a um mito grego bastante comentado pelos mais diversos autores, a história dos filhos que destronaram e mataram seus próprios pais.

Na Mitologia Grega, os Titãs pertenciam a uma raça de poderosas divindades matriarcais, descendentes de [Gaia](#), a Terra, e [Urano](#), o Céu, que reinaram durante a legendária [Idade de Ouro](#). Esses gigantes imortais de força prodigiosa compuseram o primeiro panteão grego de deuses e deusas[30]. Diz o mito que Urano, o Céu, todas as noites cobria sua mãe ou irmã Gaia, a Terra, mas abominava a prole gerada, e mantinha todos os seus filhos dentro da própria mãe, impedindo-os de nascer. Cansada da crueldade de seu companheiro, depois de lhe oferecer uma poção para que adormecesse, Gaia afiou uma foice de pedra e a deu a seu filho Chronos, que castrou e destronou o próprio pai, lançando-lhe os testículos ao mar. O poeta Hesíodo assim descreve a dramática cena:

*Da tocaia o filho alcançou com a mão esquerda,
com a destra pegou a prodigiosa foice longa e dentada.
E do pai o pênis ceifou com ímpeto
e lançou-o a esmo para trás.*

Depois de assumir o lugar do pai Urano, Chronos uniu-se a sua irmã Rhea, com quem teve vários filhos. Uma profecia de Gaia, porém, dissera que o novo soberano sofreria o mesmo destino de seu pai: por essa razão, Chronos passou a devorar os próprios filhos assim que nasciam. Rhea, obrigada a assistir repetidamente à horrenda cena, decidiu dar uma basta à situação: ao dar à luz Zeus, ela escondeu o menino e ofereceu a Chronos uma pedra enfaixada[31] para ser devorada. Em seguida, ela o protegeu da ira de seu pai em uma gruta do monte Ida em Creta, onde foi amamentado por uma cabra e cuidado por ninfas, pastores e outras entidades matriarcais da natureza. Mais tarde, em Creta, Zeus seria objeto de culto como um semideus que acabara sendo morto[32]. Você não tem a impressão de já ter ouvido essa história? A de Zeus tem cerca de cinco mil anos!

Ao crescer, Zeus cumpriria o oráculo de Gaia: depois de tomar uma poção que o forçara a vomitar os filhos devorados, Chronos foi castrado e deposto por seu próprio filho, que passou a reinar sobre os imortais. O próprio Zeus teve de enfrentar o mesmo tipo de profecia, a ele endereçada, de que viria a ser destronado por um de seus filhos[33]. A subida de Zeus ao poder marcou a transição do culto grego aos Titãs para o culto aos deuses olímpicos: no caso, a substituição do matriarcado de Gaia pelo patriarcado de Zeus. Quando o patriarcado assume o controle, a divindade máxima deixa de ser uma Mãe e torna-se um Pai divino. Cá entre nós, porque não deveremos prová-lo aqui, este momento marca o começo da degradação do sistema religioso. As antigas e sábias Sacerdotisas são destituídas de sua função, e de toda a hierarquia religiosa, deixando-nos nas mãos de sacerdotes ambiciosos e de um deus masculino eternamente assustado, enciumado e preocupado em ser destronado no dia seguinte por algum substituto. Juntamente com essa substituição, todos os oráculos, originalmente pertencentes à Terra-Mãe, são assaltados por uma divindade masculina, como ocorreu, só para dar um único exemplo, em Delfos: esse local sacrossanto, dedicado a Gaia, foi apropriado por Apolo, o deus solar, que passou a profetizar em lugar da Mãe, a tecedora de todos os destinos.



Detalhe de Saturno Devorando seu Filho – Peter Paul Rubens (1636). As três estrelas do Cinturão de Órion assistem à cena de perto, assim como assistiram à Natividade (ver volume I desta coleção).

A esta altura, você deverá estar se perguntando: “o que o mito narrado acima teria a ver com o pacato artesão de Belém? A resposta é: absolutamente tudo, pois nossa análise deverá mostrar José como mais um dos amantes da Deusa-Mãe que, após coabitar com ela, acaba deposto por seu próprio filho! O mito do deus-que-morre, originalmente matriarcal, passa às mãos do patriarcado com a invenção de um

pai para possuir a Mãe, apesar da capacidade desta última de gerar sozinha, não é mesmo? Não foi por esse dogma que São Jerônimo, mais uma turba de outros fanáticos ensandecidos, lutaram toda sua vida? Em nome desse dogma a Igreja não perseguiu e matou hereges, destruiu templos e incendiou textos? Ah, sim, mas Maria foi fecundada pelo “Espírito Santo”... Porém, o que os chamados Santos da Igreja não sabiam, ou fingiam não saber, é que essa “pessoa” da Trindade, copiada das antigas religiões e rebatizada pelo cristianismo, consistia em nada mais nada menos que a figura da Mãe, escorraçada da teologia pelo patriarcado judaico-cristão. A Trindade venerada na sábia religião primitiva, como ocorria na Índia e no Egito, era composta pela mais que natural tríada Pai, Mãe e Filho, com significado místico de uma profundidade hoje inimaginável.

Na cristandade, esse importante princípio teológico torna-se uma excrescência, Pai, Filho e a falácia chamada de “Espírito Santo”. Esse falso Mistério não é incompreensível por estar acima do entendimento humano, como postula Santo Agostinho e tantos outros gostam de alardear, mas simplesmente porque é insano, absurdo e inventado em nome da manipulação do próximo e da ânsia de poder temporal. Por causa dessa distorção, hoje não somos mais filhos de uma amorosa Mãe que nos gera por si mesma e nos alimenta em seu seio, mas de um pai solteiro que não entende coisa alguma de cuidar de sua prole, e passa seu tempo ameaçando seus filhos de punição ao menor deslize de comportamento.

Apesar de palpitante a posição acima, para ser bem demonstrada, exigiria muito mais de que as poucas linhas usadas aqui, e extrapolaria o escopo deste trabalho. Portanto, voltemos ao tema do parceiro da deusa-mãe. A lista das deusas que provocam a morte de seus amantes é tão imensa que a deixaremos para um outro livro, totalmente dedicado a esse assunto[34]. No item anterior, vimos antecipadamente o quanto as figuras de José e de Jesus foram influenciadas pelo mito de Thammuz, o deus morto e ressuscitado dos sumérios. No primeiro volume desta coleção vimos que seu sucessor siro-fenício, Adônis, era adorado na caverna em Belém que depois seria tomada pelo Salvador dos cristãos, e hoje pode ser visitada por qualquer turista, sob a Igreja da Natividade. Assim Adônis, filho de Mirra, cedeu lugar a Jesus (Adonai), filho de Maria, no culto anual ao deus-que-morre dos palestinos. Quanto a José, o Artesão (*tekton*), seu título já nos diz muita coisa, pois se refere ao arquétipo do *deus faber* (em latim, o deus artesão, o que faz ou fabrica), o Demiurgo dos gregos ou o Grande Arquiteto (*Architekton*), uma imagem humanizada do próprio Criador! A partir de seu título grego poderíamos até fazer o seguinte trocadilho: *Iesus Tektonon* (Jesus, filho do Artesão) nada mais seria do que filho de *Yoseph Khtonios*, uma cópia de Chronos, deus ctônico esposo de Gaia, a deusa-mãe Terra.

Mas não dependeremos somente de um jogo de palavras para associar nosso velho carpinteiro a Saturno. O termo *ctônico* (do grego *khthonios*, “terreno”, “relativo à terra”) designa os deuses do mundo subterrâneo, em oposição às celestiais divindades olímpicas. A palavra *khthon*, um dos vários termos gregos para designar a Terra, refere-se tipicamente ao interior do solo mais do que à sua superfície. Os sincretistas do Candomblé parecem ter intuído a natureza ctônica de José ao identificá-lo a [Aganju](#), entidade primordial associada à terra, às montanhas e vulcões. Conforme já sabemos, José foi chamado *tekton*, nome traduzido como “carpinteiro”, apesar do termo ser bem menos específico. Se *teckton*, *tektonos* significa “carpinteiro, operário, artista”, e no sentido figurado “autor, causador (de males, etc.)”, os dicionários de grego têm algo bem mais interessante a nos mostrar.

- *Tekton* = artesão;
- *Teknon* = filho, cria, rebento;
- *Tekno-ktonos* = assassino dos próprios filhos.

Não se poderia desejar melhor associação entre o Carpinteiro, o deus Cronos-Saturno e o assassinato dos filhos, cujo significado simbólico agora conhecemos! O próprio planeta Saturno é

chamado pelos hindus de Carpinteiro. Se nos reportarmos à antiga religião matriarcal grega, veremos José como uma imitação de Urano ou mais apropriadamente Chronos, o Titã castrado por seu filho Zeus, este último uma divindade solar.

Como assim: José, castrado por Jesus? Calma, lembre-se de que a linguagem dos mitos é sempre *metafórica*, e procure entender essa castração aqui mencionada como um destronamento do deus-pai por seu próprio filho, gerado pela deusa-mãe. A deusa-mãe é sempre Virgem, pois nas religiões matriarcais ela gera seus filhos sozinha, assim como a terra produz vida por si mesma, sem o aparente concurso de um esposo. A virgindade física de Maria, pela qual São Jerônimo e seus seguidores tanto se debateram, não passa de uma alegoria referente a essa deusa primordial que gera sem um parceiro. Ao ter sua gravidez anunciada pelo anjo Gabriel, Maria responde: “Como pode isso acontecer, *se não conheço varão?*” Os deuses consortes das deusas-mães somente aparecem com o advento do patriarcado, representado na Grécia pela vitória do deus olímpico Zeus sobre seu pai, o titã Chronos, da antiga religião da Deusa.

Uma vez revelada a chave para decifrar um mito, todos os fatos começam a se encaixar. Por exemplo, o “pai” do menino-deus não pode consistir em seu verdadeiro pai, pois *o menino-deus é gerado somente por sua mãe virginal, a Terra*. Lembra quando falamos sobre o mecanismo da condensação usado nos mitos, no volume anterior? Recordando aqui, a condensação é a propriedade da linguagem simbólica que permite fundir mais de um personagem em um só, ou atribuir mais de uma função ao mesmo personagem. Seu companheiro inseparável é chamado *deslocamento*, mecanismo que permite a separação de uma única função em mais de um personagem.

Onde aparece o deslocamento no mito de José? Nos evangelhos, nos quais Jesus tem três pais. Três? Sim, três! Dois você já conhece, que são José e o próprio deus cristão, e o terceiro é Herodes, todos representantes de uma única entidade, o pai do menino-deus de Belém! No nosso estudo da Natividade, mostramos que o herói ou semideus recém-nascido é sempre perseguido pelo próprio pai ou uma figura substituta^[35]. A razão continua sempre a mesma: o medo do pai em ser destronado, um eterno eco do arquétipo narrado aqui no mito de Urano, Chronos e Gaia!

Pensem: como uma religião maniqueísta como o cristianismo, que encara o Bem e o Mal como entidades opostas e separadas, poderia atribuir a tarefa de perseguir o deus recém-nascido a seu próprio Deus misericordioso, ou mesmo ao dócil carpinteiro de Belém? Era preciso atribuir o serviço sujo a uma outra figura, um jagunço com melhor *physique-du-role*. Ao olhar em volta, a solução se apresenta imediatamente: por que não o grosseirão do Herodes? Ninguém gostava dele, afinal! Um crime a mais, um crime a menos, como o do imaginário Massacre dos Inocentes, não iria piorar sua imagem para a posteridade. Por que não jogar a culpa nesse canastrão, portador de uma ficha policial interminável? E assim, ainda que à revelia, o Tetrarca da Galileia assumiu a nada honrosa função que anteriormente coubera a um faraó (no mito de Moisés), do rei Kansa (no mito de Krishna) ou do grego titã Chronos: o de perseguidor do próprio filho recém-nascido. Portanto, como Zeus um dia se refugiara em uma gruta em Creta, alimentado por uma cabra (imagem da deusa-mãe nutriz) e protegido por pastores e entidades da natureza, Jesus haveria de repetir a história em Belém cercado de pastores, animais e, assim como seu predecessor grego, protegido por um coro sobrenatural de modo que seu pai não ouvisse seu choro desde o céu.

Enquanto representante de uma das faces do pai do menino-deus, Herodes tinha a perder o seu reino; José, azarado como sempre, perderia sua própria vida física, destino comum a todos os parceiros das deusas-mães, e por isso a tradição cristã acabou por tirá-lo de cena assim que possível. Mas nenhum deles teria tanto a perder quanto o próprio deus dos judeus, que, do ponto de vista cristão, veria seu culto ser substituído pelo do Nazareno, e seu destronamento simbólico não é difícil de se constatar no assim

chamado Novo Testamento.

José, o Maléfico

O maçom Manly P. Hall (1901-1990) escreveu que cada uma das três religiões abramícas – judaísmo, cristianismo e islamismo – seriam regidas por um corpo celeste diferente: Saturno, Sol e Vênus. Aqui tomaremos as duas religiões que nos interessam no momento. O judaísmo seria de Saturno: a assim chamada estrela de Davi, originária da Índia e tornada símbolo do judaísmo na Idade Média, é um hexagrama de Saturno, e seu dia sagrado é o Sábado (em inglês *Saturday*), o dia dedicado a Saturno. Sob o nome de *Kiyun* ou *Kivan*, Saturno fora primitivamente adorado no deserto pelos antigos israelitas. A guarda do sábado, como acontece na religião judaica ou em alguns setores cristãos, representa o culto a Saturno: por esse motivo, você poderá observar nas denominações cristãs que veneram o sábado um maior apego ao Antigo Testamento do que as demais que fazem do domingo seu dia sagrado, cuja preferência se fixará mais no Novo Testamento.

O cristianismo por sua vez consiste num culto solar: a fundamentação deste ponto de vista é fácil de se obter mesmo em textos cristãos, e sua discussão pode ser encontrada no primeiro volume desta coleção, e em outros trabalhos nossos[36]. O símbolo do cristianismo é a cruz (símbolo do Sol nos equinócios), e seu dia sagrado é domingo (*Sunday*), o dia do Sol. Em latim o domingo é chamado *Dominico*, o “dia do Senhor”. O deus dos judeus tem características semelhantes às do titã Chronos, conhecido por seu nome latino Saturno: é cruel, temperamental, intransigente e sanguinário[37], e nada promete a seus fiéis no além; suas raras manifestações amorosas decorreram da influência persa dos tempos do Cativo na Babilônia, e por isso não fazem parte de sua imagem original.

Saturno era igualmente conhecido como o “Deus Tenebroso”: um de seus títulos em sânscrito, *Krura-Lochana*, significa “O de Mau Olho”, ou “O de Terrível Aspecto”, aplicado a Zani, o planeta Saturno dos hindus. Como o de “Mau Olho” Saturno se aproxima do Olho de Shiva hindu, que simultaneamente cria e destrói. O nome sânscrito do planeta Saturno é *Asita*, de *a* (não) + *sita* (branco), isto é, “Negro”, a principal cor de Saturno na astrologia. O negro representa adequadamente o Solstício de Inverno, que ocorre no signo de Capricórnio, e marca o momento em que o Sol se encontra em seu ponto mais baixo no céu, e a natureza agoniza em meio às trevas e ao frio intenso. Na astrologia, Saturno é o regente de Capricórnio, signo cardinal do Inverno que representa o Senhor do Hades, o mundo dos mortos e da escuridão, personificada por Satã ou Saturno, pois no seu reinado os dias são flagrantemente menores que a noite. O planeta Saturno também era chamado de Grande Infortúnio, cuja foice apropriadamente simboliza decadência e morte. Saturno – por motivos que já conhecemos – representa a castração, e na astrologia os sonhos e projetos interrompidos fazem parte de seu repertório. Sua relação com a justiça nos dá uma explicação astrológica de por que José teria sido chamado de “Justo” na tradição cristã.

Na astrologia, Saturno é associado aos princípios de limitação, as restrições, limites, praticidade e realidade, e rege a ambição, carreira, autoridade, hierarquia e conformidade com as estruturas sociais. Refere-se ao senso de dever, disciplina, responsabilidade e resistência física e emocional durante as dificuldades. O Retorno de Saturno marca eventos importantes ou mudanças na vida de cada pessoa. De acordo com o poeta do primeiro século Manilius, Saturno é triste, sombrio, frio e o “Grande Maléfico”. Ele simboliza processos secos e extremamente frios, e, portanto, hostis à vida. Na astrologia chinesa, Saturno é regido pelo elemento terra, que é paciente, trabalhador e confiável: na astrologia indiana, Saturno é chamado *Shani* ou *Sani*, e representa carreira e longevidade, assim como é o portador da má sorte e do sofrimento[38]. Não lhe parece que os antigos astrólogos conheciam muito bem a José?

O cristianismo, como culto solar, traz uma divindade – ao menos no papel – mais dadivosa e amorosa: seu filho traz consolo, socorro, perdão, cura doenças e ressuscita os mortos, anunciando um

reino de eterna felicidade. O destronamento simbólico do deus dos judeus YHWH por Jesus fica evidente nas linhas do próprio evangelho, onde o Nazareno se encarrega de confrontar, uma a uma, as leis de Moisés[39]. O exemplo mais dramático consiste no momento em que Jesus perdoa a mulher adúltera, impedindo seu apedrejamento, como postula a lei mosaica. Em todos os evangelhos, o Cristo não pronuncia o nome de YHWH uma única vez, e refere-se a Deus pelo afetuoso nome de *Abba* (Pai).

Mas quem é Saturno, afinal, senão a versão latina de Chronos, o titã destronado por Zeus? Por conseguinte, José, como uma das figuras paternas de Jesus, também representa o deus e o planeta Saturno, conforme veremos agora. Os antigos maçons conheciam o significado da palavra “Artesão”. Nomes como José, Julius ou Júlio derivam do termo *Yule*, uma Roda simbólica associada ao Solstício de Inverno[40]. O Zodíaco sempre foi comparado a uma roda giratória, que entrava em movimento nessa data, quando o Sol se encontrava no signo de Capricórnio, a Casa de Saturno, o Artífice ou Artesão, criador do mundo material. A religião oriental nos ensina que Saturno é o Grande Artesão ou Carpinteiro: como Capricórnio, o local do nascimento do Sol, tem como regente na astrologia o planeta Saturno, os evangelhos retrataram o deus-sol nascido de um carpinteiro ou artífice! Na arte medieval e renascentista, José é muitas vezes visto segurando os símbolos que têm sido associados ao planeta e arquétipo de Saturno, dentre eles a foice e o cajado, item inseparável do pai de Jesus. Como vimos no primeiro volume desta coleção, o signo de Capricórnio também era conhecido como um Estábulo celeste, simbologia que inspirou a lenda evangélica de que Jesus teria se abrigado em um estábulo ao nascer.

Sob o nome grego Chronos ele representava também o Tempo, considerado um dos deuses mais importantes do panteão antigo: sob este aspecto da simbologia, Chronos devora os próprios filhos assim como o Tempo destrói tudo aquilo que cria. Os cartagineses lhe devotavam tamanho respeito que não se atreviam a pronunciar o seu nome, chamando-o “O Ancião”, permitindo que nós compreendamos por que José foi imaginado como um homem idoso, e por que Saturno era comumente representado com um cajado nas mãos. O cajado significa a um só tempo a sabedoria do homem velho que o utiliza como sua “terceira perna”, como diz o enigma da Esfinge, representando a Terceira Visão dos iniciados, assim como o falo ereto do deus da fertilidade que José também representa, na cena apócrifa em que seu bastão floresce para identificá-lo como o futuro esposo de Maria. Seu cajado também simboliza o Caduceu, bastão usado pelo deus grego Hermes ou Mercúrio, ou o *Was* usado por Ptah, o Criador Egípcio, padroeiro dos artífices e artesãos.

O costume de não pronunciar o nome de Saturno foi adotado pelos judeus, que evitam pronunciar o nome de YHWH, o deus saturnal. A foice, por sua vez, usada por Chronos para castrar seu pai Urano, adequa-se ao aspecto agrário de seu equivalente romano, Saturno. No Egito a foice, chamada *lituus*, era usada por Osíris. Entre os fenícios Saturno era conhecido como Agruerus, e no Egito como Seb. Em uma variante da mitologia egípcia, Seb era o pai de Ísis e Osíris, estes últimos grandes inspiradores do mito cristão. Esotericamente, Seb representava o Princípio da Criação, e Nut ou Neith, a “Virgem Imaculada”, era sua esposa desde pelo menos 7000 anos antes da era cristã.

Saturno sempre foi visto predominantemente como uma entidade negativa, associada a limitações, restrições, decadência e morte: chamado “O Grande Maléfico” em oposição a Júpiter, “O Grande Benéfico”, chegou a ser identificado supersticiosamente a Satã. Por ser o planeta mais distante do Sol conhecido na antiguidade, foi associado às trevas e ao frio do inverno e da morte. Para os gnósticos, o gênio do planeta Saturno, ou melhor, o mau aspecto de seu regente, chamava-se Ialdabaoth – O Filho do Ovo do Caos. Ialdabaoth, identificado ao deus dos judeus e tido como uma divindade das Trevas, seria o criador (artesão) de nosso mundo físico segundo os ensinamentos gnósticos do *Codex Nazareus*, o evangelho dos nazareus e dos ebionitas.

O estudioso francês [Dominique Briquel](#) observou que Saturno era um deus soberano de tempos

muito recuados, referentes às origens lendárias do mundo, antes da civilização conhecida[41]. Segundo os gregos do período clássico, ele reinara na chamada Idade do Ouro, uma era de paz, harmonia, estabilidade e prosperidade. O próprio monograma de Jesus Cristo, XP (as duas primeiras letras do nome grego ΧΡΙΣΤΟΣ – *Christós*), é um antigo símbolo de Chronos-Saturno. O nome Chronos também começa com Chi e Ro (Χρόνος). O Chi-Ro também simbolizou Hórus, o Salvador dos egípcios, muitos séculos antes de Jesus, e foi usado em textos alquímicos e herméticos para denotar tempo[42], em harmonia com a interpretação de que Chronos representava o tempo que destrói a tudo que cria.



Símbolo Chi-Ro

Agora, para encerrar a associação entre José e o planeta Saturno, vamos rememorar resumidamente o que descobrimos neste item:

- Deus, José e Herodes são figuras deslocadas de um único personagem simbólico, o pai de Jesus.
- Deus e José representam respectivamente a parte imortal e mortal do pai do herói, e de cada um de nós; Herodes assume a função do pai perseguidor.
- Herodes representa o rei do ano que passou, e deve “morrer” para dar lugar a seu sucessor.
- José é Chronos ou Saturno, o Titã que é derrotado pela divindade solar, representada por Jesus.
- Chronos-Saturno devora os filhos assim que nascem, por causa de uma profecia sobre ser destronado por um deles. A tentativa de eliminar o recém-nascido aparece nos evangelhos como a perseguição e o massacre dos inocentes.
- No campo da religião, a derrota de Saturno representa a substituição (sob a perspectiva cristã) do judaísmo pelo cristianismo, um “reinado” pelo outro. O sábado, dia de Saturno, é substituído pelo domingo, dia do Sol, como dia sagrado.
- Na astrologia, Saturno é o planeta regente de Capricórnio, a “Casa de Saturno” e o Estábulo simbólico onde nasce o menino-deus solar (vide vol. I desta coleção).
- Para os orientais, Saturno era o Grande Carpinteiro.
- O cajado usado por José na iconografia cristã é um dos símbolos de Saturno.
- Saturno era chamado O Ancião, e José foi mostrado pela tradição como um homem idoso.
- A relação de Saturno com a justiça nos dá uma explicação astrológica de por que José teria sido chamado de “justo”.
- Seb, deus egípcio equivalente a Saturno, representava o Princípio da Criação, e Nut ou Neith, a “Virgem Imaculada” era sua esposa desde cerca de 7000 anos antes da era cristã.

Após estas associações entre José e o planeta Saturno, você poderá entender facilmente por que a palavra hebraica *charash* (חרש), já comentada aqui, traduzida como “artesão, gravador, gravurista,

artífice”, também significa “hábil para destruir”![\[43\]](#) Apesar dos itens mostrados acima, as conexões entre José e Saturno ainda estão longe de terminar, e aqui chegamos a um dos pontos mais intrigantes de nossa investigação, partindo da pergunta: por que José, como soubemos no capítulo anterior, foi representado adormecido pelos artistas cristãos? Falta bem pouco para descobrirmos.

A arte e o artífice

No livro *Mistérios da Lua*, demonstramos que os antigos artistas, prováveis iniciados, transmitiam veladamente os Mistérios em suas obras de modo que ficassem fora do alcance dos padres e dos leigos não-iniciados. No primeiro volume desta coleção, que aborda a Natividade de Jesus, fizemos algumas recomendações para a montagem de um presépio “astronomicamente correto”, que preservasse os Mistérios na disposição de seus personagens. Dentre elas, a sugestão abaixo, reproduzida aqui literalmente, deve ter intrigado algumas pessoas:

“Nunca, em hipótese alguma, deixe José chegar perto ou tocar no menino! Cenas de José carregando Jesus ao colo, com algumas calculadas exceções, são geralmente obras de autores recentes, que nada sabem sobre a simbologia da Natividade. Este Mistério será comentado no volume inteiramente dedicado ao pai de Jesus”.

Neste livro, já cumprimos o prometido ao mostrar o perigo que o Pai sempre representa para os heróis por ocasião de seu nascimento. Agora você pode compreender por que as antigas representações artísticas deixam José distante fisicamente do menino, alienado ou adormecido, embora tenhamos muito a conversar sobre o assunto no próximo item. Outro exemplo bastante utilizado é colocar José atrás de Maria com Jesus ao colo, como um manto protetor interposto entre o filho e seu perigoso pai, tema que abordaremos em um outro trabalho.



Adoração dos Magos, de Jacopo e Francesco Bassano: José fica atrás de Maria, que protege com seu corpo o menino Jesus. Ela também mostra o sexo do recém-nascido ao mago de joelhos. José, postado atrás, parece uma águia pronta a projetar-se sobre a criança. Na mão tensa, o manto vermelho de Saturno.

Quanto às mencionadas “calculadas exceções”, nas quais José tem o filho nas mãos, daremos como exemplo a bela obra de Guido Reni, intitulada *São José com o Infante Jesus*, concluída cerca de 1635. Contemple a figura a seguir por alguns minutos: o que você vê?



São José com o Infante Jesus – Guido Reni (c. 1635).

À primeira vista, a tela mostra um pai amoroso com seu filho nos braços: José contempla Jesus com evidente doçura nos olhos. Mas não deixaremos você sossegar com esta interpretação imediatista da pintura. Ao aproximar os rostos dos dois personagens, intui-se que eles parecem saber algo mais, numa espécie de cumplicidade: o olhar de Jesus, por sua vez, parece arguto demais para um bebê. E se alguém lhe dissesse que o José de Guido Reni está em vias de matar o próprio filho, olhando-o comovido por causa da despedida iminente? Até aqui, embora já tenhamos visto todo o perigo que o pai do deus ou herói recém-nascido representa, nossa interpretação pode parecer a princípio um tanto forçada: afinal, Reni poderia ser apenas mais um dentre tantos desavisados que colocam Jesus nos braços de José por pura ignorância do papel oculto de sua figura. Todavia, o artista parece bem consciente da trama aqui desvelada. Por quê?

Em primeiro lugar, José e Jesus não constituem os únicos personagens dessa pintura: outras duas figuras, discretamente representadas, podem proporcionar interpretações absolutamente inesperadas. Atrás do carpinteiro, pode-se divisar Maria distraída, entregue a algum afazer – provavelmente tecendo, uma das clássicas tarefas da deusa –, e parte do corpo de um anjo, bem identificado pelo autor por sua asa esquerda em riste. O que faz ele lá? A Anunciação ocorrera mais de nove meses antes... Não, não parece uma mera referência à Anunciação – embora este tipo de anacronismo costume ser praticado nas pinturas religiosas –, pois o anjo revela muita tensão em sua postura e dá as costas a Maria, postada a alguns metros de distância. A asa ereta, o punho cerrado e o braço esquerdo estendido próprio de quem caminha dura e rapidamente falam por si sós.

No alto à esquerda, uma grossa árvore parece dividir em dois um grande rosto masculino cheio de dor – talvez do Jesus adulto –, em testemunho à dramaticidade do momento ou uma antevisão do futuro sacrifício do homem-deus no Calvário. Em se falando no palco da crucificação, o detalhe com o qual começaremos nossa leitura é o de que José parece subir uma colina ou montanha, embora não tenhamos qualquer motivo para acreditar que a Sagrada Família esteja lá para fazer um piquenique. Para onde José

estaria levando Jesus recém-nascido? Para admirar a paisagem? Decididamente não.

Para quem conhece as lendas bíblicas, José parece escalar um monte bem conhecido para em seu topo sacrificar o menino. O sombrio bosque representado no quadro é o local típico para a realização de sacrifícios, assim como o bosque de Belém serviu de local para a veneração de deuses mortos e ressuscitados, como Adônis ou Jesus. E é para a parte escura que José se dirige, enquanto Jesus empunha duas pequenas flores, símbolos do ínfimo pênis do deus-sol (ou seus fracos raios) por ocasião do Solstício de Inverno, em comparação ao cajado florido mencionado na lenda da união de Maria e José. [44] A primeira reação de um devoto seria protestar: mas um santo faria uma coisa dessas?

Por incrível que pareça, a resposta é *sim*, até porque temos um precedente, mas antes que você se deixe dominar pela incredulidade ou indignação, lembre-se de que estamos analisando um ARQUÉTIPO, não uma HISTÓRIA. Nossa interpretação não pretende demonstrar que o José dos evangelhos teria tentado matar o próprio filho: para tal, precisaríamos antes provar a existência física de José, desafio por si só impossível de ser vencido. A intenção é demonstrar que a figura de José simboliza o pai que tenta matar o filho por saber que este irá destroná-lo, tarefa que Mateus e Lucas houveram por bem terceirizar para Herodes. Se os evangelistas se inspiraram em um mito solar, como já comprovamos muitas vezes, eles automaticamente nos conferiram o direito de estudar suas narrativas como mitos, como temos procedido aqui desde o primeiro volume de nossa coleção. Agora, com os ânimos devidamente acalmados, vamos prosseguir com a determinação daqueles que preferem saber a acreditar.

Concentremo-nos na cena na qual um pai sobe uma montanha para sacrificar o próprio filho em seu topo, gesto que já tem um precedente bíblico na história de Abraão e Isaac. Na mitologia grega, personagens como Édipo e Páris já haviam sido deixados para morrer em uma montanha, justamente por causa de um oráculo que os apontara como a futura ruína de seus pais. Abraão, patriarca das três grandes religiões reveladas – judaísmo, cristianismo e islamismo –, por ordem de seu deus teve de subir o monte Moriah para sacrificar o próprio filho Isaac. Diz o Gênesis:

“Disse Deus: Toma teu filho, teu único filho a quem tanto amas, Isaac; e vai à terra de Moriah, onde tu o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te indicar” [45].

O Monte Moriah era o local onde os cananeus ofereciam seus filhos em holocausto aos deuses, mais uma confirmação de que até os patriarcas imitavam os costumes dos pagãos, subindo aos “Lugares Altos” abominados pela Bíblia. A raiz do nome *moriah* é a mesma da palavra hebraica *morah*, “navalha ou faca empregada nos sacrifícios”. [46] Obediente como José, Abraão atendeu à ordem de seu deus. No último momento, o ato foi impedido por um anjo, que segurou a mão de Abraão já armada de um cutelo, pronta para desferir o golpe letal. A interpretação de que este evento fora “um teste de fé” não passa de uma daquelas racionalizações encomendadas para manter os olhos dos profanos fechados aos Mistérios que não estão ao seu alcance. A trama ocorrida entre Abraão e Isaac se alinha perfeitamente a todos os mitos aqui descritos nos quais o pai teme ser destronado por um filho recém-nascido, e decide eliminá-lo em sacrifício ou expondo-o em uma montanha [47].

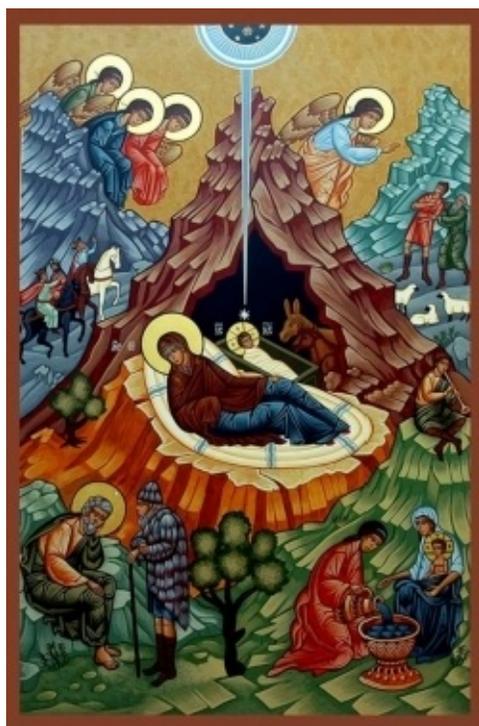
Dissemos que um anjo interrompeu o sacrifício de Isaac, e eu lhe pergunto: o que você acha que o anjo está fazendo na pintura, com seu braço esquerdo estendido e rijo como quem caminha tensa e apressadamente atrás de José? Se seguirmos o arquétipo tal como ele se encontra nos evangelhos, diríamos que o anjo corre em direção ao carpinteiro para lhe revelar a origem divina de Jesus, gesto equivalente ao do anjo que segurara o braço de Abraão antes que a lâmina de Saturno penetrasse a carne de Isaac colocado no altar; se interpretarmos a cena de um ponto de vista ritualístico, diremos que ela representa a troca do primogênito nos sacrifícios por uma vítima substituta. Mostrar o anjo nessa posição foi uma excelente solução do artista para sugerir com discrição o ato seguinte desse drama arquetípico.

Na história de Abraão, Isaac foi substituído por um cordeiro, e na história de José o sacrificado

seria o assim chamado “Cordeiro de Deus”, que acabaria morrendo no alto de outra montanha, o Calvário. O cordeiro substituto de Isaac, achado preso em um espinheiro, foi interpretado por alguns cristãos como uma antevisão do Cristo coroado com espinhos.

Esta breve discussão visa antes de tudo demonstrar que, no mundo dos mitos, nada precisa ser exatamente o que parece. Vejamos agora outra cena exemplar, muito comum nos afrescos ortodoxos referentes à Natividade ou a Adoração. Os [ícones](#) referentes à Natividade, com poucas variações, datam de cerca do século XV, e versam sobre profecias do Antigo Testamento, cenas dos evangelhos, e antigas lendas sobre a vida da Virgem Maria. Os que os cristãos comuns não sabem é que estes ícones encerram uma profunda simbologia, o que inclui um significado claramente astronômico. Para desfrutar da beleza dessas belas obras de arte, entre no Google e digite *Nativity Icons*.

Na imagem mostrada a seguir, enquanto magos e pastores chegam para adorar o menino-deus, José aparece sentado afastado, com um ar de cansaço e desânimo. Maria, de longe, olha para baixo com um ar de compaixão nos olhos. O motivo de ele estar se sentindo dessa forma você já conhece, e o ar sonolento que lhe rendeu a zombaria dos padres merecerá todo o próximo item para discussão. Neste momento nos ateremos a um pequeno recorte dessas imagens repletas de antigos Mistérios, a cena em que um homem vestido com uma pele – ou, segundo outros, com asas recurvas e arriadas –, muitas vezes acompanhado por um jovem, conversa com o desacorçoado José.



Os literalistas – aqueles que leem a Bíblia ao pé da letra – têm uma interpretação fácil para a cena: o pobre homem, somente por ser feio, assume a identidade do Diabo, que tenta convencer José a romper seu compromisso com Maria por causa da gravidez inexplicada.[\[48\]](#) E o jovem, que pode ser visto nas duas imagens seguintes? Bem, deve ser o secretário do Demo, uma espécie de Belzebu Júnior ou estagiário infernal em treinamento. Dizem os crentes que, apesar da suposta tentação, que não consta nos evangelhos, José resistiu bravamente e continuou a cumprir seu papel de pai adotivo do nazareno.

Mas o Diabo, longe de ser um adversário do cristianismo, parece ser seu maior aliado, na medida em que se encarrega de assumir a culpa de tudo o que dá errado, tanto nas histórias sagradas quanto nas histórias individuais dos fiéis. O medo que desperta faz com que alguns crentes procurem a igreja, e o suposto inimigo acaba parecendo antes um prosélito e fiel colaborador do cristianismo. Certa vez Justino Mártir, apologista cristão do século II, atormentado pelas críticas de que o mito cristão se assemelhava

por demais aos mitos pagãos, saiu-se com uma resposta inusitada:

“Tendo ouvido proclamada através dos profetas que o Cristo estava para vir e que os ímpios entre os homens deveriam ser punidos pelo fogo, o espírito maligno [Satanás] suscitou muitos chamados filhos de Deus, sob a impressão de que eles seriam capazes de produzir nos homens a ideia de que as coisas que foram ditas em relação a Cristo eram apenas contos maravilhosos, como as coisas que foram ditas pelos poetas”.

A “tese” de Justino foi batizada de “Imitação Diabólica”, pois sugeria que as semelhanças entre as lendas, doutrinas e rituais do mundo cristão e do mundo pagão foram inventadas pelo Diabo para confundir os verdadeiros crentes! Tertuliano, doutor da Igreja, também usou a mesma desculpa para explicar a estreita semelhança entre o cristianismo e cultos anteriores, ao escrever:

“O Diabo, cujo negócio é perverter a verdade, imita as circunstâncias exatas dos Sacramentos Divinos. Ele batiza seus crentes e promete perdão dos pecados na Sagrada Fonte, e, assim, os inicia na religião de Mitra. Então, ele celebra a oblação do pão, e traz o símbolo da ressurreição. Vamos, portanto, reconhecer a astúcia do diabo, que copia algumas coisas daqueles que são divinos”.

Há que se louvar o pragmatismo desses dois incensados teólogos, que não hesitam em convocar Satanás para dar um jeito àquilo que seu Deus sozinho não consegue resolver. Porém, como a religião de Mitra é pelo menos seis séculos mais antiga que o cristianismo, e já usava itens como cruz, confissão, batismo e pias de água benta, já se pode adivinhar quem, se a teoria estiver correta, terá de fato praticado tão sinistra imitação.

Bem, esquecendo-nos por um instante do Diabo, essa superstição persa trazida pelos poucos judeus que se dispuseram a retornar do cativeiro na Babilônia, o que seria possível dizer sobre a cena em que um homem mal vestido tem uma conversa secreta com José? Sem a ajuda do Canhoto a tarefa fica um pouco mais complexa, mas não impossível de se realizar. Veja as imagens abaixo, recortes de duas pinturas bem maiores.



Ao aproximar a imagem, constatamos que é preciso estar muito determinado a enxergar asas nessa figura, como sugeriram alguns, ou talvez motivado pela esperança de obter uma resposta fácil para a cena. Ajudados pela manga, vemos que o homem na verdade veste um casaco de pele: o jovem, no afresco da esquerda, por vezes representado, por outras não nessas obras, se encontra tão próximo do ancião que parece colado a ele. Para não frustrar completamente aqueles que pretendem visualizar o Capeta na trama, diga-se que os três cães à direita representam Cérbero, o cão de três cabeças e guardião do Hades, o inferno grego. Por outro lado, devemos lembrar que o Hades, o mesmo lugar visitado por Jesus segundo o Credo católico, não consiste num lugar de castigo como o inferno cristão, mas simplesmente a morada dos mortos[49]. Todos que tenham frequentado uma missa católica já ouviram ou rezaram mecanicamente:

*Creio em Jesus Cristo...
que foi crucificado, morto e sepultado;
desceu aos Infernos; ressuscitou ao terceiro dia;
subiu aos Céus...*

A descida aos Infernos (Hades) não foi uma opção nem uma invenção autenticamente cristã, uma vez que esse descenso era praticamente obrigatório a toda divindade agrossolar dos pagãos, clube do qual o Cristo não poderia de modo algum ficar de fora. Depois de nascer em uma gruta dedicada a Adônis, Jesus seria obrigado a cumprir toda a agenda atribuída a essa classe de deuses que morrem e ressuscitam. Se você se lembrar do que foi dito no Volume I, saberá que o Hades no Zodíaco é representado por Capricórnio, o signo no qual nasce e morre Jesus, e onde ocorre o solstício de inverno no Hemisfério Norte.

O duplo significado (de nascimento e morte) da trajetória do Sol, representado por Jesus, aparece claramente no formato da manjedoura, feita propositadamente à semelhança de um caixão, enquanto os panos que o envolvem imitam uma mortalha funerária, enquanto a própria caverna se presta a representar o túmulo onde o Cristo será sepultado (Capricórnio, a Gruta Celestial). A ressurreição no terceiro dia representa os três dias que o Sol permanece estável em seu ponto mais baixo do firmamento, o Solstício de Inverno, após os quais renasce (ou ressuscita) anualmente, voltando a escalar o firmamento.

Portanto, não há surpresa alguma em encontrar Cérbero, o guardião da morada dos mortos, na pintura acima. Mas o mais importante será recordar que, se Jesus representa o Sol recém-nascido no solstício de dezembro, José representa sua imagem envelhecida sob a imagem de Saturno ou do Sol do ano que termina. Ao passar por Capricórnio, portanto, o Sol, não importa sob qual representação – o idoso do ano que passou ou o recém-nascido do ano que se inicia –, estará no Hades simbólico, representado pela constelação de Capricórnio. Desse aspecto mais obscuro da simbologia acima os padres devem ter tirado a ingênua ideia de que o velho vestido com pele pudesse representar Satanás. A ambiguidade dessa constelação também pode ser detectada no conhecido costume de representar a manjedoura como um caixão, e o Jesus recém-nascido envolto em faixas usadas para o sepultamento.

Tudo bem até aqui, mas, se o homem mal vestido acima não for o Chifrudo em carne e osso, seria ele quem? Algum personagem avulso, sem utilidade determinada? Impossível, pois as antigas obras de arte não incluíam itens supérfluos, sem qualquer função simbólica. Como um dia escreveu Ouspensky, “Não pode haver nada acidental tanto na criação quanto nas impressões da arte objetiva”,^[50] o que inclui sem a menor dúvida estes magníficos ícones do cristianismo ortodoxo. Na verdade, a resposta a essa questão já pode ser depreendida no que tem sido dito até aqui: o velho de túnica de pele também representa o Sol do ano vencido, que se encontra na Casa de Saturno, como é chamado o signo de Capricórnio! A razão para ele estar vestindo a pele, por sua vez, consiste no aspecto mais curioso de nossa discussão. Lembra-se quando identificamos Herodes como mais um representante deslocado do Sol do ano anterior? No mito da Natividade, Herodes persegue Jesus por saber que será destronado pelo novo deus ao fim de seu ciclo. “Está bem”, responderão alguns, “mas e a tal da pele usada pelo velho, o que tem a ver com Herodes? Seria ele friorento ou coisa parecida?” - afinal, a história se passa no inverno...

A resposta não é tão difícil, mas exige uma explicação prévia. A viagem anual do Sol pelos signos do Zodíaco fazia com que os nossos sábios ancestrais o representassem de acordo com o signo que atravessava, identificado a eles ou interagindo com eles. Ao passar por Peixes, por exemplo, o Sol assumia a identidade de um peixe, como aconteceu posteriormente com Jesus por ter nascido ao início da era de Peixes. Ao passar por Áries, por sua vez, o Sol se tornava o Cordeiro de Deus, título próprio do deus-sol na era de Áries, tal como ocorreu com Mitra, deus persa que emprestou seu título a Jesus. Na

era de Touro, anterior à de Áries, o Sol era adorado no Egito sob a forma do Boi Ápis. Pois bem, dizia a antiga tradição que o Sol, ao atravessar o signo de Leão durante o ano, matava simbolicamente esse animal para vestir sua pele. A pele do Leão era considerada invulnerável porque o Sol, ao adentrar este signo, atingia o Solstício de Verão, tornando-se invencível. O Sol do verão torna-se totalmente imune aos ataques das trevas, e seus inimigos, para derrotá-lo, precisam esperar o Equinócio de Outono, quando ele já se encontrar debilitado, para iniciar seus ataques. Deuses ou heróis solares como Hércules, Izdubar, Krishna, Sansão ou Davi, mataram seu próprio leão: Jesus, por sua vez, foi chamado Leão de Judá.

Após derrotar o leão da Nemeia, Hércules vestiu sua pele, tornando-se invulnerável, simbolizando desse modo a força do Sol em seu auge no Solstício de Verão, quando se “reveste” da constelação de Leão ao adentrá-la. Os antigos babilônios por sua vez tinham o herói Izdubar, o matador de leões, façanha igualmente atribuída a Krishna pelos hindus. Os assírios e lídios veneravam um deus solar chamado Sandon, notório matador de leões, e frequentemente o representavam lutando com um leão ou de pé, em cima do animal morto. Atentos às lendas pagãs, os redatores da Bíblia fizeram dois de seus heróis solares, Sansão e Davi, matar cada um seu próprio leão; o nome Sansão pode ser interpretado como “Pequeno Sol” (Shimson), e David foi inspirado em Daúde ou (*dvd*), antiga divindade solar venerada em Belém.

Mas, e Herodes, o que ele tem com isso? A resposta se encontra em uma etimologia alternativa para seu nome. Já soubemos em uma discussão anterior que Herodes simboliza o Sol do ano anterior, que tentara matar Jesus, o Sol do novo ano, para permanecer no poder. Como a maioria dos deuses e heróis de todas as tradições, Herodes (Ἡρώδης) tem um nome de significado indeterminado: conforme demonstramos em *Mistérios da Lua*, a indefinição dos nomes de personagens arquetípicos se presta a abrigar simultaneamente vários significados em uma única palavra. Alguns leem Herodes como “Herói” (*heros*); outros preferem “Filho de Herói” ou “Canção do Herói” (*heros+oides*), e estão todos igualmente corretos.^[51] Aqui, interpretaremos o nome grego Herodes de uma outra maneira, como uma contração de “Herói (*heros*) da Pele (*deras*)”, uma alusão à vitória do Sol ao passar pelo signo de Leão!^[52] Hércules, herói solar dos gregos, também era chamado de “O Herói da Pele”, título obtido pela façanha de ter matado o leão da Nemeia, no primeiro de seus célebres Doze Trabalhos, e passar a usar sua pele como proteção. Ao ganhar esse título, o Sol se torna um soberano muito poderoso, como de fato Herodes o foi. Assim canta o poema maçônico *A Ressurreição do Sol*:

*Então surgiu Phebo^[53] orgulhoso,
Com o “nobre leão” a seu lado,
E a terra e o céu com sua glória brilharam
Enquanto ele de novo sentava-se em seu trono dourado.
Pois a voz de Deus é a lei da natureza,
E forte era a pegada da garra do leão.*

Mas, por ocasião do Solstício de Inverno, esse mesmo herói um dia orgulhoso de sua força se torna um velho encarquilhado, e sua capa de pele já estará totalmente rota e inútil. Esta última peça do quebra-cabeças nos revela a identidade do velho vestido com um casaco de pele, sempre presente nesses ícones cristãos ortodoxos. Assim, a reunião de José com a mencionada figura simboliza o encontro entre o Sol do ano que termina com o Regente do signo no qual ocorre esse evento, ou seja, o encontro entre os símbolos do Sol e do planeta Saturno em Capricórnio, o Hades celestial! Como ambos constituem figuras deslocadas do pai do novo Sol recém-nascido, podemos nos referir a sua reunião como um “encontro de derrotados”, bem expressado pelo ar desconsolado de José. Por sua vez o jovem que acompanha o velhote de perto, imitando sua postura com o cajado, representa Mercúrio, o planeta mais próximo do Sol e seu eterno seguidor. Como vimos em *Mistérios da Lua*, Mercúrio era chamado o Arauto do Sol, e às

vezes se confundia com seu Senhor do mesmo modo que o planeta na maior parte do tempo se funde ao Sol nos céus. Os antigos artistas gostavam de representá-lo com um chapéu na cabeça, o chapéu de Mercúrio, costume seguido pelo pintor do ícone acima à esquerda. Outras duas características de Mercúrio mostradas ali são sua juventude e suas botas, substitutas discretas das tradicionais sandálias aladas. Em alguns afrescos ele assume sua posição de mensageiro do Sol ao conversar diretamente com José, enquanto o velho espera à distância.

Os demais itens contidos nesses ícones da natividade detêm igualmente um significado astronômico que resumiremos agora, embora limitados pelos Mistérios discutidos até este livro.

- Os anjos que entoam o Coro Celestial em celebração ao nascimento do menino-deus (o Sol do solstício de inverno) representam as múltiplas estrelas do firmamento. O significado mítico de seu canto foi explicado no volume anterior desta coleção.[\[54\]](#)
- Os três magos representam o Cinturão de Órion, conforme discutimos no mencionado livro.
- Os dois pastores que recebem a mensagem do anjo são Errai e Alfirk, duas estrelas da constelação de Cefeu, e a razão de sua presença foi revelada na obra citada acima.
- Maria, ao centro, acumula vários significados, todos eles associados à Deusa-Mãe. Em nosso livro sobre a Natividade, a identificamos à Constelação de Virgem, e em outro momento a Cassiopeia. Aqui, o mais importante é seu aspecto ctônico enquanto Mãe-Terra, a gruta terrestre, o útero de Gaia. A gruta está ao centro de uma montanha, local onde eram celebrados os cultos à Mãe, e onde seu consorte era sacrificado. O invólucro que a cerca é uma reedição terrestre do Ovo Cósmico.
- A manjedoura, o boi e o asno representam constelações e estrelas reveladas em nossa obra anterior, comprovadas em uma discussão longa e criteriosa que não será repetida aqui.
- O homem tocando a corneta, e sentado em um monte menor, representa os equinócios, enquanto o monte maior simboliza o solstício. As pernas cruzadas são um conhecido símbolo dos equinócios no mitraísmo, religião que influenciou fortemente o cristianismo em sua origem. A pequena árvore à esquerda parece simbolizar o equinócio de primavera,[\[55\]](#) enquanto o músico representaria o equinócio de outono: a razão para esta interpretação se encontra no caminho ascendente dos três magos, em contrapartida ao trajeto descendente a ser feito pelos pastores para chegar a Jesus, um símbolo da trajetória do Sol nesses períodos.
- José e o homem com o casaco de peles, como já sabemos, representam respectivamente Saturno e o Sol do ano anterior, já envelhecido após o término de sua trajetória no zodíaco. O jovem a seu lado, por sua vez, representa o planeta Mercúrio.
- A árvore ao centro representa a Árvore da Vida, símbolo do Centro onde ocorrem as cenas arquetípicas primordiais. Seu significado astronômico deverá ser deixado de lado aqui, pois exige uma discussão que somente será realizada em um livro futuro.
- O mesmo se dá com as parteiras, no canto inferior direito, que trocam entre si segredos por enquanto proibidos, enquanto proferem seus encantamentos: seu significado astronômico será deixado para outro momento. De acordo com o [Protoevangelho de Tiago](#), José trouxera consigo duas mulheres – uma parteira e uma mulher chamada Salomé – para assistir Maria no parto. Salomé foi identificada pela tradição a uma discípula de Jesus nos evangelhos, a mãe dos apóstolos Tiago e João, e uma das mulheres que descobriram o túmulo vazio após a ressurreição do Cristo.

José, o dorminhoco

No item *José no reino da fantasia*, vimos os padres se entretendo a construir um São José todo particular, uma criatura tão passiva, insossa e obediente que acabou por incorrer na zombaria de seus próprios inventores. Soubemos também que, entre os clérigos católicos, se alguém diz que vai fazer uma “meditação de São José”, significa que irá tirar uma soneca. A razão, como já vimos, é de o “padrasto” de Jesus ter sido representado inúmeras vezes caído no sono, ou ao menos flagrantemente desanimado, em plena cena da Natividade ou da Adoração do menino Jesus. Seria José desatento a ponto de se permitir uma situação assim vexatória? Teriam de fato tantos pintores supostamente cristãos a pura e simples intenção de zombar do pai de seu Salvador?

Apesar do mau gosto em ridicularizar um santo, no caso de José tal atitude parece compreensível ou até inevitável, tanto que nem mesmo seus admiradores conseguiram escapar à tentação de fazê-lo. O dócil carpinteiro tem destino semelhante ao das pessoas excessivamente complacentes, e perde o respeito mesmo daqueles que o usam para seus propósitos pessoais, políticos ou institucionais. Afinal, José aceita o papel de instrumento passivo e quase prescindível de um plano que compreende tão mal quanto sua pobre esposa adolescente. Em certas passagens dos evangelhos, os pais de Jesus denotam não ter a mínima ideia da divina missão atribuída a seu filho. Embora tenham vindo a calhar, as seguidas mensagens em sonhos não dispensam José da fé gratuita no absurdo que o cristianismo exige de todos os seus fiéis, quesito no qual o pai de Jesus se sagra indiscutível campeão. A Maria foi concedido ao menos experimentar o miraculoso fruto crescendo em suas entranhas, mas a José, o crédulo, coube apenas uma fugaz informação recebida durante o sono. Em uma injusta e desigual divisão de direitos, a Maria foi permitido sentir, e ver o rebento surgir de suas entranhas para crer: a José, mais uma vez prejudicado, foi dado simplesmente ouvir, acatar e obedecer.



Parte da obra *Adoração dos Magos*, de Gentile da Fabriano, *predella* direita: Natividade. José, em sono profundo, apoia-se na *Árvore da Vida*, aqui representada seca em referência ao momento do pai de Jesus, idoso, impotente e à beira da morte.

Até por volta do século XVII, José tende a ser descrito como um homem de idade avançada, de cabelos grisalhos ou brancos, muitas vezes careca, ocasionalmente frágil, com os dedos artríticos e um nariz afilado, uma figura relativamente marginal ao lado de Maria e Jesus, por vezes relegado ao fundo do cenário. José é na maioria das vezes mostrado com barba, não só por causa do costume judaico, mas também porque, embora os evangelhos não digam sua idade, a literatura tardia tende a apresentá-lo como um homem idoso. Uma fonte lhe atribui improváveis noventa anos já na época do seu casamento com

Maria[56]. Sem dúvida, um José fraco e de idade avançada parece bastante conveniente para nos assegurar de sua impotência e da conseqüente ausência de relações sexuais com a Virgem. O crítico de arte americano Waldemar Januszczak enfatiza a preponderância das representações de José como um homem velho, e vê nisso uma necessidade “de explicar sua impotência, e deveras para simbolizá-la”. Em um artigo irreverente e bem-humorado, autor comenta:

“José é o consorte tonto por excelência, do qual, inevitavelmente, se espera uma certa quantidade de estupidez enquanto cumpre seu papel. Seu equivalente moderno seria Denis Thatcher ou o duque de Edimburgo. Como eles, o seu trabalho é estar lá, e ainda de algum modo não estar. Mas, enquanto o príncipe Philip é escusado de sua excentricidade e malícia, e a Denis foi permitida a bebida e sua interessante variedade de opiniões horrendas, José é aprisionado por toda a eternidade em um estado de profunda bondade... A José simplesmente não é permitido ter manias ou excentricidades, pois qualquer coisa que desvie a atenção para longe da cena milagrosa que somos obrigados a testemunhar, nestas circunstâncias, parece leviano ou, pior, herético”. (...)

“Na Natividade de Guido Reni, Maria aparenta cerca de quinze anos, e ele, com cerca de setenta, é o único entre nós e a Virgem Maria. Ela é jovem. Ela é perfeita. Ela é virginal — a tarefa de José é ficar de lado e nos deixar desejá-la, religiosamente. É preciso um homem particularmente velho, particularmente grisalho, particularmente gentil e particularmente fraco para fazer isso. Cabe a José. Banido em grande número de ocasiões para os fundos daqueles sombrios estábulos em todos aqueles simulacros de Belém, sua complexa tarefa iconográfica é ficar de lado e deixar sua esposa ser adorada pelo resto de nós. Ele é o Corno de Deus. E a arte não tem escolha senão apontar isso — ao mesmo tempo, é claro, parecendo que não”. [57]

Em uma daquelas peças que os deuses por vezes nos impõem, o mencionado artigo foi publicado em 21 de dezembro de 2003, o início do Solstício de Inverno no Hemisfério Norte, por um autor cujo sobrenome nos remete a Janus, deus romano que deu seu nome ao mês de Janeiro. Tal sincronicidade se equipara à minha própria inspiração para escrever sobre José e a Natividade no final de dezembro de 2013, em pleno solstício do ano dedicado a Saturno! Independentemente da crítica perspicaz e algo cruel de Januszczak — não obstante a notória vocação de José para saco de pancadas —, devemos nos lembrar de que sua abordagem só é válida ao declinarmos do sentido simbólico da narrativa evangélica. Como já dissemos, no livro *Mistérios da Lua* demonstramos que os antigos artistas, prováveis iniciados, transmitiam veladamente os Mistérios em suas obras de modo a colocá-las além da capacidade de entendimento dos padres, tarefa que, como você já deve ter se dando conta nos primeiros capítulos, nunca foi assim tão difícil de se cumprir. Os maçons de tempos mais recuados fizeram o mesmo ao eternizar em pedra seu profundo conhecimento nas Catedrais Góticas, que até hoje continuam a insinuar a sabedoria pagã abrigada na própria casa do Senhor dos cristãos. A Revelação religiosa, que pretensamente encerra toda a Verdade em um livro cuja mensagem é impingida de fora para dentro, dispensando as pessoas de buscá-la dentro de si mesmas à custa de muito trabalho e sofrimento interior, torna seus seguidores indolentes demais para tentar descobrir o significado de vários símbolos antigos presentes em sua igreja, saber por que signos do Zodíaco adornam altares, ou o que levara afinal os pintores a representar José adormecido e aparentemente inconsolável.

Por sua vez os gnósticos, embora já contaminados pelo ranço cristão, ainda conseguiam enxergar os Mistérios nas narrativas evangélicas, motivo pelo qual foram perseguidos à extinção. Com a morte dos primeiros padres literalistas, que ainda conheciam parte do significado oculto de seus escritos, seus sucessores foram ficando mais e mais alienados, até chegar ao mais completo esquecimento da mensagem mítica e mística original, como sucede com o pároco da igreja mais próxima e com o bispo da sua

cidade. *A História de José, o Carpinteiro* nos deixa saber que parte dos Mistérios pagãos haviam sobrevivido fora da Igreja oficial. No texto, em meio ao dramalhão característico da religiosidade semítica, alguns dados bastante significativos podem ser pinçados, como itens claramente advindos da religião egípcia.

O primeiro aspecto digno de nota para nosso trabalho é a predominância da figura de José como de alguém fraco, doente e à beira da morte, acompanhado por Jesus à beira de seu leito de morte. Referências ao leito, à doença, à agonia se estendem por boa parte do texto. Aparentes elementos egípcios são menções como a da “abertura da boca” de José, no final do versículo 15 (grifo nosso):

“E sucedeu que, em seguida, na madrugada do dia vinte e seis de Aviv, que José, aquele velho justo, deitado em sua cama, entregava sua alma inquieta. Assim ele *abriu a boca* com muitos suspiros, bateu as mãos uma contra a outra, e com grande voz clamou, falando da seguinte maneira”.

A cerimônia intitulada Abertura da Boca é o momento mais importante do rito funerário egípcio, e consta do Livro dos Mortos, onde a Bíblia muitas vezes foi buscar inspiração. José, por sua vez, após abrir a boca “com muitos suspiros”, começa uma lamentação típica desse tipo de ritual, que já reproduzimos no item dedicado ao Sofredor Justo. Essa classe de lamentos, assim como a menção a cada órgão ou membro do corpo, são totalmente familiares ao rito egípcio. O mesmo ocorre com a preocupação com o julgamento do defunto diante de um juiz divino:

“O que devo fazer quando eu chegar a esse lugar onde eu devo estar diante do juiz mais justo, e quando Ele me chamar para dar conta das obras que acumulei na minha juventude? Ai de todos os homens de morrer em seus pecados! (...) Oh! quão miserável eu sou hoje, e digno de lamentação! Mas só Deus dispõe da minha alma e do meu corpo, Ele também irá lidar com eles de acordo com Sua própria boa vontade”.

No Livro dos Mortos, o defunto era julgado no ritual chamado “pesagem do coração”. Levada pelo deus Anúbis até a presença de Osíris, a pessoa morta devia jurar não ter cometido nenhuma falta constante em uma lista de 42 itens, recitando um texto conhecido como a “Confissão Negativa. Em seguida, seu coração era pesado em uma balança diante da deusa Maat, que personificava a verdade e a justiça. A Confissão Negativa, ou Declaração de Inocência, impressionou tanto os judeus que lhes serviu de inspiração para mais de um Mandamento de Moisés. Reza o texto egípcio: “Não matei, não roubei, não levantei falso testemunho, não cometi adultério...” A grande admiração dos judeus pela cultura egípcia ainda lhes traria conhecidos costumes como a circuncisão ou a rejeição aos porcos como alimento, embora estes itens estejam longe do melhor que tão grandiosa cultura poderia proporcionar.

A História de José ainda menciona “custosos unguentos” usados para ungir o corpo de seu protagonista, como indicava o costume egípcio e depois judaico. O autor romano Plínio o Velho escreveu que a estátua de culto a Saturno era costumeiramente preenchida com óleo, embora não tenha deixado claro o significado desse procedimento[58]. Em Roma seus pés eram amarrados com lã, retirada apenas durante as Saturnálias: os procedimentos de preencher a estátua com óleo e de amarrar seus pés com lã tem sido relacionado ao mito da castração de Urano. Na História de José, o Carpinteiro, Maria toca os pés do marido morto, e atesta que “seus pés já estão começando a endurecer, e eles estão tão frios como a neve”: quem sabe um pouco de lã resolvesse o problema...

Contudo, o mais interessante detalhe extraído deste texto apócrifo sobre a vida de José consiste na informação de que ele teria morrido no mês de Aviv, um importante dado mítico e astronômico. Aviv é o sétimo mês do ano civil judaico, e o primeiro do ano eclesiástico bíblico: desde o cativeiro babilônico, este mês passou a ser chamado Nisan[59]. Começava no Equinócio de Primavera do Hemisfério Norte (21 de março), quando a cevada, importante item da agricultura palestina, atingia seu

amadurecimento[60]. No décimo sexto dia do mês, a colheita era iniciada ao se reunir um primeiro feixe de cevada, que era oferecido como um sacrifício a Deus[61]. O nome Aviv também designa a Primavera: assim, o nome da moderna cidade israelense de Tel-Aviv significa “Colina da Primavera”.

Qual a importância destes dados para o estudo da figura do pai de Jesus? Em primeiro lugar, já sabemos da identificação de José a Saturno, divindade também associada à colheita, este um dos motivos do costume de representá-lo com uma foice nas mãos. Para os romanos, Saturno era o deus da agricultura, fundador de civilizações e da ordem social. Assim José, ao morrer em Aviv, o mês da colheita, permanece alinhado à divindade que inspirou a criação de seu personagem. Em segundo lugar, temos o significado astronômico do Equinócio de Primavera, considerado entre os antigos como o momento de triunfo do Sol sobre o inverno. O Equinócio de Primavera marca o momento a partir do qual o Sol incrementa seu poderio, e os dias passam a ficar mais longos do que as noites. Portanto, nenhum momento seria melhor para representar a morte de Saturno, o perseguidor do menino-deus nascido no Solstício de Inverno, do que a data do triunfo do Sol sobre seus perseguidores! A tradição cristã respeitou essa simbologia ao fazer José morrer antes do início da vida pública de Jesus, pois o triunfo do deus solar só se consuma com a morte de seu pai e perseguidor, seja ele representado por Herodes ou José.

A esta altura, ficamos autorizados a discutir o sono e a preguiça atribuídos a José pelos antigos pintores. A pergunta persiste: teriam eles procedido dessa maneira para zombar do pobre e negligenciado pai adotivo de Jesus? Para tentar respondê-la, começemos pelo significado do sono propriamente dito. O sono é uma imagem eufemística da morte nas mais diversas concepções mítico-religiosas. A ideia da morte como descanso ou sono eterno é bem conhecida popularmente, e sobre esse assunto utilizaremos as palavras de M. Ragon:

“A palavra cemitério vem do grego *koimêtêrion* (lugar onde se dorme). Homero e depois dele Virgílio designam a morte como ‘profundo repouso’, um ‘sono mortal’. Hypnos [o Sono] é imberbe enquanto Tânatos [a Morte] é selvagem, o corpo coberto de pelos. Os dois irmãos são representados muitas vezes como voadores ou coveiros. O apóstolo São Paulo, tão influenciado pela civilização grega, dá também à morte a imagem do sono. Para ele, o cemitério é um ‘imenso dormitório’ onde os mortos repousam esperando a ressurreição”. [62]

Assim, a partir das associações expostas acima tiramos a seguinte equação:

SONO = MORTE

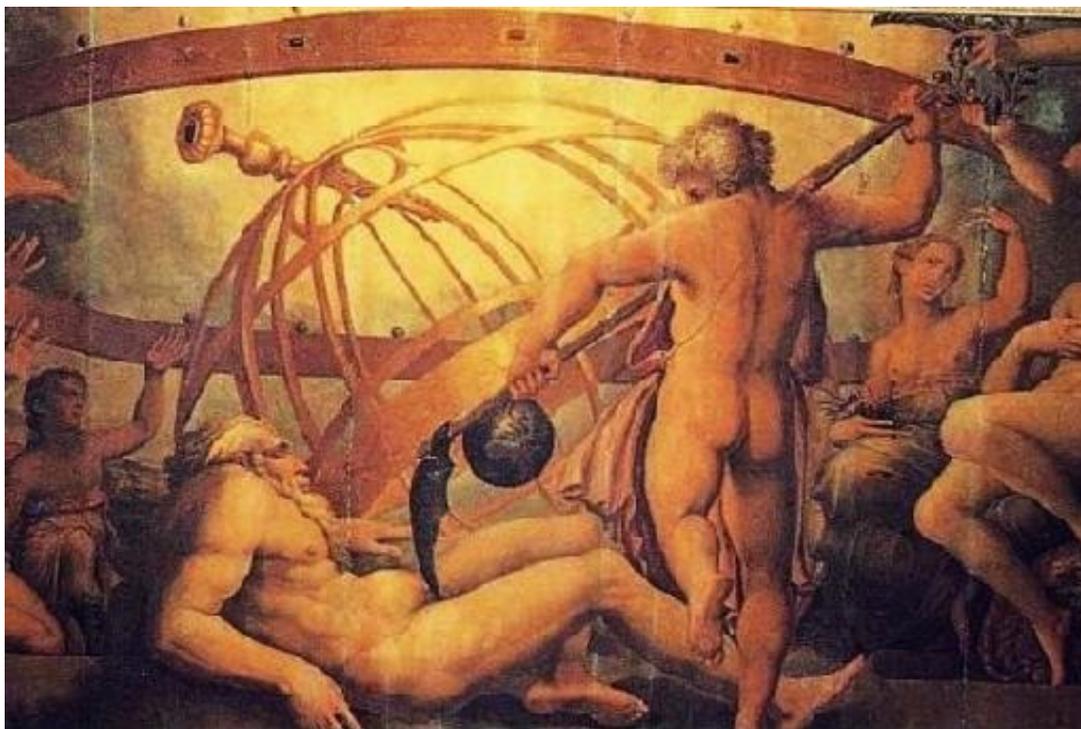
De agora em diante, vamos pesquisar o sono como parte integrante dos mitos em que os pais são castrados pelos próprios filhos. Não se alarme com a quantidade de referências, pois a finalidade deste parágrafo será a de coletar exemplos que justifiquem nossas futuras associações.

Começemos pela Mitologia Grega. Conforme Tertuliano, Urano foi castrado por Cronos enquanto dormia: [63] Cronos, por sua vez, teria sido embriagado por seu filho Zeus, e castrado durante o sono. O rei Laio, assombrado com uma profecia de que morreria pelas mãos de seu próprio filho, recusava-se a ter relações sexuais com sua esposa Jocasta: por essa razão, ela o embriagou para que se decidisse a deitar-se com ela, gerando Édipo, futuro autor da sua morte. Egeu foi embebedado para unir-se à princesa Etra, com quem teve Teseu. Hércules foi vítima do mesmo recurso para unir-se a Auge, filha de Áleo, de quem teve Télefo. Téspio (ou Téstio) também usou o vinho para que Hércules se unisse a suas filhas e lhe desse descendentes. Lirco foi embriagado por Estáfilo, para que engravidasse sua filha Hemiteia, cujo filho veio a sucedê-lo no trono de Cauno. Mirra ou Esmirna, tomada de paixão pelo próprio pai Teias, embriagou-o e a ele se uniu com a ajuda de sua ama, Hipólita, concebendo Adônis. [64]

A Bíblia tem seus próprios exemplos. Adão dormia quando Yahweh lhe arrancou a costela para

criar a mulher, um símbolo notório da castração. Abraão também foi circuncidado por Yahweh durante o sono. O general Holofernes foi decapitado por Judith enquanto dormia, entorpecido pelo vinho; destino semelhante sofreu Sísara, pelas mãos de Jael. Sansão foi destituído de sua prodigiosa força ao ter sua cabeleira cortada – outro notório símbolo da castração – por Dalila, enquanto dormia[65]. Segundo uma variante talmúdica, Noé teria sido castrado por seu filho Cam durante o sono, dominado pelos vapores do vinho. Lot foi embriagado por suas filhas para que a elas se unisse, dando-lhes descendência. A viúva Ruth aproveitou-se da embriaguez de seu parente Boaz para deitar-se com ele, de quem concebeu Obed.

Note o fio comum que une todos os episódios mencionados: um homem é embriagado propositadamente por alguém, normalmente a amante, a esposa ou o filho (a mando da mãe), e logo após o sono sofre algum tipo de mutilação ou destituição de poder. Em vários casos a mutilação é efetuada após a fecundação da mulher, assim como acontece entre a abelha-rainha e o zangão. Essa mutilação pode ser a castração, tal como sucedeu com Urano ou Cronos, ou seus equivalentes simbólicos, como a decapitação e a cegueira, ou mesmo o destronamento e a morte[66]. Em nome dessa simbologia, cultos matriarcais da antiguidade incluíam a castração ou morte ritual – factual ou simbólica – dos reis ou representantes dos amantes da deusa-mãe, muitas vezes representada como uma abelha rainha. Veja a seguir a imagem referente à castração de Urano.



Cena central de *A Mutilação de Urano por Saturno*: afresco de Giorgio Vasari e Cristofano Gherardi, c. 1560 (Sala di Cosimo I, Palazzo Vecchio).

Percebeu como Urano é representado deitado, como se estivesse dormindo antes de ser atacado? Chronos-Saturno, por sua vez, segura uma foice. Pois bem, agora veja a figura abaixo.



Noé Embriagado, de Michelangelo.

A obra de Michelangelo ilustra o momento em que Cam, filho de Noé, descobre o pai embriagado, e zomba de sua nudez. A Bíblia nos informa que Noé, ao despertar e saber do ocorrido, amaldiçoou Cam e sua posteridade. À primeira vista Noé parece ter amaldiçoado o filho por muito pouco, mas o motivo de sua ira pode ter sido maior do que aparenta a princípio. Segundo uma variante encontrada no Talmude[67], essa expressão seria um eufemismo para uma afronta ainda mais grave: Cam teria castrado o próprio pai, assim como Chronos-Saturno castrara Urano e depois seria desvirilizado por seu próprio filho Zeus. Note a posição de Noé, idêntica à de Urano na obra anterior. Tanto Michelangelo sabia da simbologia oculta sob a zombaria de Cam que mostra em sua pintura alguém cavando uma sepultura para Noé, símbolo adequado para Saturno, deus e planeta associado à castração e à morte. Agora, vejamos a imagem seguinte.

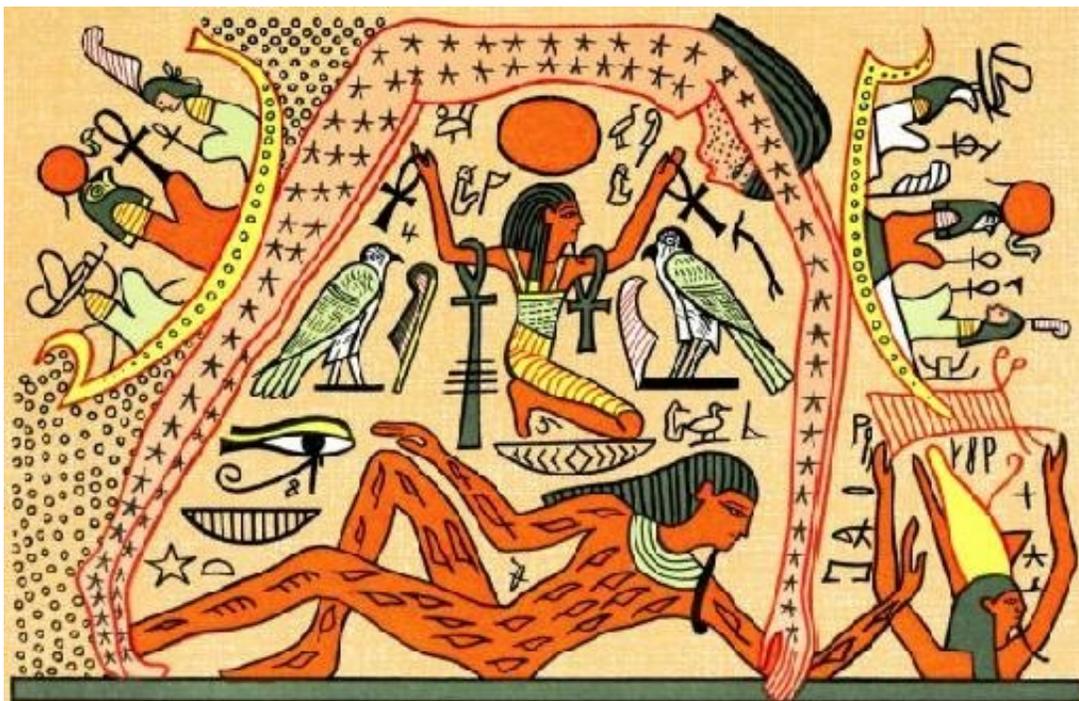


Noé Embriagado, de Simone Brentana (1656-1742[9]).

Na obra acima, observe o interesse de Cam pelos genitais do pai, ao apontá-los debochadamente. Note também a posição adormecida dos protagonistas das três obras, e como a posição do pai castrado é preservada em todas as obras: todos estão com os joelhos dobrados, e apoiados sobre o braço direito; a interpretação astronômica desse sutil simbolismo não deverá ser abordada aqui. No Egito, muito antes da lenda bíblica, o deus Seb (Saturno) era representado nu, deitado e apoiado sobre um braço quando em companhia de sua consorte Nut; nos sagrados Textos Fúnebres, Osíris – que perdeu seu pênis – também é mencionado “deitado sobre seu lado direito”, e o mesmo acontece com Buda nas gigantescas estátuas nas quais é representado adormecido, apoiado sobre o braço direito! Do ponto de vista astronômico, Osíris deitado sobre seu lado direito representa a constelação de Órion, que surge nos céus do Hemisfério Norte deitado sobre esse mesmo lado, para depois ir se erguendo no decorrer da noite, assumindo a posição ereta. Como o lado esquerdo representa o lado feminino na tradição esotérica, podemos imaginar o próprio Adão deitado sobre seu lado direito para que Yahweh extraia de seu lado esquerdo exposto a sua contraparte feminina, Eva. Você ainda duvida de que os antigos soubessem desses mistérios ocultos na Bíblia e nos mitos de outras culturas anteriores?



Buda adormecido sobre seu lado direito.



Seb e Nut. Seb é o único que aparece deitado sobre o lado esquerdo.

Não é difícil entender a correlação entre momentos aparentemente tão distintos como a castração, o destronamento, o ato sexual ou o nascimento do filho. Encontramo-nos diante de um antigo Mistério matriarcal, que associa o momento da concepção ou do parto à morte do parceiro da Deusa, dramatizado

em inúmeros rituais da antiguidade, nos quais era castrado ou morto após deitar-se com ela. A este tema, dedicaremos um livro inteiro em breve[68]. Aqui, deveremos permanecer focados na questão do José adormecido ou simplesmente preguiçoso, a quem devemos resgatar da zombaria dos padres, que parecem imitar a atitude de Cam diante da cena de seu próprio pai exposto e embriagado.

Como temos percebido, há inúmeras razões para José ser representado indolente, alienado ou adormecido em plena cena da Natividade, que merecerão uma lista organizada ao fim desta discussão. Aqui, comentaremos o aspecto astronômico desta simbologia. O planeta Saturno, por ser o último planeta visível a olho nu e o mais distante do Sol, era o mais lento dentre os planetas conhecidos na antiguidade: sua órbita completa dura 29,5 anos, o que significa a permanência de 2,46 anos em cada signo do Zodíaco. Tanto que Sani, nome sânscrito de Saturno, tinha também o apelido de Sana ou Sanaischara, que significa “o que se move lentamente” – diríamos tão lentamente a ponto de necessitar de um cajado para caminhar. Ao observar Saturno em qualquer programa que simule a trajetória dos planetas em nosso céu, notaremos que Saturno é constantemente ultrapassado pelos demais, e como seu andar no firmamento, devido ao movimento [retrógrado](#), lembra o passo de um velho decrépito[69]. O [Protoevangelho de Tiago](#) descreve José “caminhando, sem caminhar” na paralisação do tempo ocorrida durante o nascimento de Jesus (grifo nosso):

“E eu, José, *andava mas não avançava*; olhei para o espaço e o ar pareceu-me assombroso; olhei para o céu e tudo estava parado, inclusive os pássaros do céu; olhei para a terra e vi um vasilhame no chão e uns trabalhadores sentados, como se estivessem comendo já que suas mãos estavam sobre o vasilhame; porém, embora parecessem comer, não mastigavam e quem parecia pegar a comida, não a retirava do prato e, ainda, os que pareciam levar os manjares à boca, não o faziam porque olhavam para o alto. Havia também ovelhas sendo capturadas, mas não fugiam e o pastor levantou seu cajado para bater-lhes, porém, manteve sua mão no ar. Então olhei para o rio e notei que os cabritos punham seus focinhos nele mas não bebiam da água. Por certo tempo tudo parou”. [70]

Vinte e nove anos e meio equivalem a trinta anos incompletos, uma das razões – embora não a única – para Jesus, o deus-sol dos evangelhos, começar sua vida pública aos trinta anos de idade, pois um soberano só começa seu reinado após o anterior encerrar o seu ciclo. No caso, essa simbólica mudança de reinado representou para os judeus convertidos ao cristianismo a troca de um culto a Saturno por um culto ao Sol.

Como já sabemos o *Shabat* (sábado), dia sagrado dos judeus, é dedicado a Saturno. A palavra *shabat* deriva do verbo hebraico *shavat*. Embora frequentemente traduzido como “descanso” (substantivo ou verbo), outra tradução correta dessas palavras é “cessar” – mais especificamente, “cessar de trabalhar”. Para a astrologia, o Sol e a Lua são planetas, e depois deles enumeravam-se os planetas visíveis no céu de acordo com sua distância do Sol. A lista ficava assim: Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Saturno, sétimo planeta do céu observável, tornou-se o patrono do sétimo dia da semana, no qual o próprio Deus descansara após o trabalho da Criação. E nada mais justo do que fazer José, o Saturno dos evangelhos, morrer em Aviv, o sétimo mês do calendário civil judaico! Avi Ben Mordechai escreveu:

“Saturno, com seus enormes anéis, sete deles, era conhecido na literatura talmúdica como uma representação do *Shabat* (sábado). Ele ganhou essa fama por causa de sua órbita prolongada torno do sol. O corpo planetário de Saturno, na língua hebraica chamada *Shabbatai*, vem da palavra de três letras em hebraico *Shabat*. *Shabat*, é claro, refere-se ao sétimo dia da semana no cômputo judaico, *Shabbatai* foi o sétimo corpo planetário conhecido pelos antigos judeus. Sete é um número especial de descanso e é abordado na

numerologia judaica. Mais tarde, alguns rabinos na Idade Média interpretaram a posição e o movimento dos dois corpos planetários Shabbatai e Tzedeq (Júpiter) como um sinal de redenção messiânica iminente”.[\[71\]](#)

Após nossa discussão, enumeremos então os motivos de José ser apresentado em um estado letárgico, alienado, adormecido ou distante das cenas da Natividade e da Adoração do menino-deus:

- Na *História de José, o Carpinteiro*, o pai de Jesus imita o defunto do Livro dos Mortos e dos Textos Funerários egípcios, e segue toda sua ritualística: faz lamentações, recita os membros de seu corpo e menciona o Julgamento Final. A unção de seu corpo com óleo imita procedimentos feitos com as figuras de Osíris e Saturno, e a menção aos seus pés enregelados alude ao costume romano de envolver em lã os pés desse deus.
- O sono de José enquanto consorte da deusa-mãe emula as cenas de sono e embriaguez que precedem a fecundação da deusa e a castração, destronamento ou morte de seu parceiro. Assim, José se identifica a figuras míticas como Urano, Chronos, Saturno, Osíris e, na Bíblia, figuras como Adão, Noé ou Sansão. Na maioria dos ícones ortodoxos sobre a Natividade, José mantém a mão direita entre as pernas como se protegesse a região genital.
- José deitado ou adormecido imita igualmente as representações artísticas de Urano, Noé, Osíris, Seb e até Buda. Seu precedente bíblico mais antigo é o próprio Adão.
- José, o Carpinteiro, encarna o planeta Saturno, conhecido como o Carpinteiro ou Artífice celestial. Assim, José morto representa a substituição do culto a Saturno pelo culto ao Sol, o Jesus dos cristãos (em uma alegoria semelhante, a morte de Herodes simboliza a morte do sol do ano anterior).
- A velhice de José não somente assegura a virgindade de Maria aos profanos, por sugerir impotência sexual: no sentido mítico, ela remete a Saturno, o idoso que caminha com ajuda de um bastão.
- O planeta Saturno é o mais lento nos céus dentre os planetas conhecidos da antiguidade, uma das razões para representar o deus com um cajado: o *Protoevangelho de Tiago* descreve José “caminhando, sem caminhar” na paralisação do tempo ocorrida no nascimento de Jesus. A órbita saturniana de trinta anos incompletos é também representada nos trinta anos esperados por Jesus para assumir sua vida pública.
- Saturno é o sétimo dentre os planetas místicos, e a ele eram atribuídos sete anéis. Foi o sétimo planeta a ser conhecido pelos judeus, e chamado Shabbatai. Seu dia é o sábado, o Dia de Saturno (*Saturday*), o sétimo dia da semana e dia de Descanso (*shabat*). O próprio Yahweh descansara no sétimo dia após a Criação.
- A *História de José, o Carpinteiro* nos informa que José morreu no mês de Aviv, sétimo mês civil judaico, no qual ocorre o Equinócio de Primavera, momento em que o novo Sol triunfa sobre seu pai e perseguidor (José ou Herodes, as forças do Inverno). Aviv é também o mês da colheita, atividade consagrada a Saturno.
- O encontro de José desconsolado com o homem vestindo um casaco de peles simboliza o encontro de Saturno com o Sol do ano que termina. O velho, por sua vez, ainda representa Tânatos, figura mítica coberta de pelos, que anuncia a morte de José.

A partir do que temos visto, José parece ter sido condenado a viver perpetuamente assombrado pelo Sol, visto que o nome de seu próprio pai, segundo Lucas, seria Heli, mero disfarce de Hélios, o deus-sol dos gregos. A identidade entre Jesus e o Sol era tão evidente que uma seita de cristãos gauleses venerava o Cristo como Hélios, e denominavam a si próprios Heliognósticos, “aqueles que conhecem o Sol”.[\[72\]](#)

Depois do que vimos até aqui, cabe a pergunta: você ainda acha engraçada a piadinha cristã sobre a “meditação de São José”? Ironicamente, esse deboche se volta, como um bumerangue, contra seus próprios criadores: ao ridicularizar a imagem sonolenta de José, os padres involuntariamente repetem o gesto de Cam diante da nudez de seu pai adormecido. E, assim como o filho de Noé, acarretam sobre si a maldição daqueles que, ao zombar do que não compreendem, tripudiam sobre as coisas santas, permanecendo alienados dos sagrados Mistérios ocultados em suas próprias Escrituras.

O despertar do Apático

Não há por que não considerar o trabalho até aqui desenvolvido como francamente satisfatório no que tange a desvendar a face oculta de José, o Carpinteiro, apesar de nossa determinação de não tornar o texto excessivamente longo ou extenuante. No decorrer de nossa pesquisa, o que parecia um personagem passivo e quase dispensável dos evangelhos foi gradualmente se revelando uma poderosa e antiquíssima divindade, dona de um culto que se perde nos tempos e identificada ao planeta Saturno, o primitivo Sol do Céu Noturno. A figura de José se desdobra em camadas, mutante como a imagem de um caleidoscópio. Dentre muitos outros, ele também é:

- *Yoseph Tekton* – José, o Artesão.
- *Yoseph Tekno-Ktonos*, como Chronos-Saturno, o matador dos próprios filhos.
- *Yoseph Khtonos*, o sacerdote da deusa-mãe Terra.
- *Io-Seph*, o Berço de Zeus, um dos nomes da Manjedoura Celestial, a constelação de Câncer.

Mas sua figura ainda nos reserva algumas surpresas: enquanto sacerdote da deusa-mãe Terra, José é o zangão castrado e morto ritualmente após a cópula, tal como acontecia no culto a Afrodite. Sob o nome de Erycina (da Urze), Afrodite era a deusa do solstício de verão, que castrava o rei sagrado após copular com ele no topo de uma montanha, assim como uma abelha-rainha arranca os órgãos genitais do zangão que a fecunda. O culto frígio de Cibele, identificada à abelha rainha, envolvia a autocastração em êxtase de seus sacerdotes, feita em memória de seu amante Átis. Em Creta, uma belíssima e misteriosa dança ritual, hoje esquecida, era executada por sacerdotisas caracterizadas como abelhas. Em conformidade a suas origens, Jesus declararia que “alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do Reino dos céus”. Os papas, por sua vez, adotaram a *mitra papal*, uma cobertura para a cabeça usada por mulheres e por homens efeminados nas antigas Grécia e Roma, como símbolo de poder espiritual.

Mas o José idoso, lento, cansado, adormecido, castrado e morto consiste ele mesmo num imortal, que faz sua triunfal reaparição como José de Arimateia, o nobre que reclama o corpo de Jesus às autoridades[73]. Como já vimos anteriormente, de acordo com o costume judaico é o pai quem recolhe o cadáver do filho para sepultamento, e José, sempre cioso de seus deveres, não faltaria a seu compromisso. Este personagem, surgido do nada nos evangelhos, segundo Mateus e Lucas devia seu nome a “uma cidade da Judeia” totalmente inexistente; Marcos e Lucas dizem que ele “esperava pelo Reino de Deus” — e, ao que tudo indica, continua esperando até hoje.

[Arimateia](#) representa José enquanto alto sacerdote (ou eunuco) da Deusa-Mãe, guardião da sepultura do deus-que-morre, uma reedição cristã do Anúbis egípcio que resgata anualmente o corpo de Osíris, o deus solar destroçado pelas intempéries do outono e inverno. Anúbis presidia ao embalsamamento e ajudara Ísis a encontrar e preservar o corpo de Osíris, assim como Arimateia resgata o corpo de Jesus e possibilita às mulheres prepararem “aromas e bálsamos” para ungi-lo[74]. Anúbis era o protetor de túmulos e cemitérios, e vários epítetos achados em textos e inscrições egípcias se referem a esta função: um deles, “Senhor da Terra Sagrada” (*Neb-ta-Djoser*), o designa como um deus da necrópole do deserto[75], no qual *Djoser* ou *Joser* significa “Santo”, “Sagrado”; outro título, “Aquele que está sobre sua Montanha” (*Tepy-Dju-ef*), por vigiar os túmulos desde cima, encaixa-se perfeitamente com a figura de José de Arimateia, dono da tumba localizada no Monte Calvário[76]. Pode-se dizer que, enquanto pai de Jesus, José é *Joser*, o Santo, e como José de Arimateia ele é *Ju-ef* (Yussef), o Senhor do Monte no qual o Osíris cristão seria sepultado.

Seu nome grego, *Ioseph apo Arimatheas*, também pode ser visto como um trocadilho composto do anagrama do nome de Maria (*arima*) mais uma alusão à deusa (*thea*, em grego, onde *ai* se pronuncia *e*): sob esta perspectiva, *José de Arima-thea* não passa de uma reedição do esposo da deusa, *José de Maria-Thea* (Maria, a Deusa) ou José, sacerdote de Maria, a Deusa-Mãe Virgem. De fato, o nome José de Arimateia pode ser lido como “José da deusa Ari (ou Mari)”, a deusa que fizera os homens (*arya*) a partir do barro.^[77]

Dentre outros atributos, Saturno é chamado Coveiro celestial, e, como planeta regente de Capricórnio, é o mais autorizado a sepultar o deus-sol que morre anualmente sob esse signo do Zodíaco. Aqui seu cajado assume o mesmo significado do bastão de Anúbis, o Protetor das Tumbas, ou do *Was*, cetro egípcio que no contexto funerário era responsável pelo bem-estar do falecido, e costumava ser incluído no túmulo, em sua decoração ou no próprio sarcófago.

José configura-se a um só tempo em guardião da tumba do deus solar e seu coveiro. Os evangelhos dizem que a tumba de Arimateia tem como porta uma pedra redonda e rolante, um símbolo do Círculo Zodiacal, que se move constantemente e volta à posição original a cada vez que o deus solar é sepultado em Capricórnio. O que o cristianismo vendeu como História revela-se antes uma bela metáfora do ciclo anual vivido pelo Sol, que morre a cada vez que chega ao Solstício de Inverno, é sepultado na tumba de Saturno em Capricórnio, para imediatamente ressurgir como um bebê recém-parido no mesmo signo, agora representado como um Estábulo celestial!

No volume anterior você descobriu a razão para Capricórnio ser conhecido como o Estábulo, o lugar onde o Sol – e os cavalos de sua carruagem – estaciona no Solstício. No dia 21 de dezembro, no Hemisfério Norte, o Sol atinge seu ponto mais baixo no céu, à altura do Trópico de Capricórnio, e permanece aparentemente imóvel durante três dias, para no dia 25 tornar visivelmente a subir no firmamento. A palavra *solstício* (latim *solstitiu*) se refere a esse momento no qual o Sol parece estacionar no céu. O “Sol Invencível” sempre torna a ascender no céu todos os anos depois de três dias “sepultado”, como diz a tradição da morte e ressurreição dos deuses solares. Os arquétipos se comportam como palcos teatrais, que mudam de cenário conforme a cena a ser desenrolada. No caso de Capricórnio, depois de encerrado o luto, na cena da Natividade o choro se converte em júbilo, o coveiro se transforma no pai, a tumba se torna a gruta ou estábulo, o deus morto se torna o menino recém-nascido, a mortalha vira as faixas que envolvem o bebê, a cruz se transforma na Árvore da Vida e o caixão na manjedoura! “O Rei está morto, viva o Rei!” E nesse momento, o Sol reinicia sua viagem através dos doze signos, seus doze discípulos, que, como ocorre desde a Criação, é reencenada todos os anos sob a forma do mito do deus que morre e ressuscita ao terceiro dia!



Ícone representando o sepultamento de Jesus. Dentre tantas outras mensagens astronômicas presentes nesta cena, Saturno, o Coveiro, Regente do signo de Capricórnio, prepara o caixão do deus solar.

Diz o evangelho de Mateus:

“José tomou o corpo, envolveu-o num lençol branco e o depositou num sepulcro novo, que tinha mandado talhar para si na rocha. Depois rolou uma grande pedra à entrada do sepulcro e foi-se embora”.[\[78\]](#)

Como pudemos constatar, o pai adotivo de Jesus desempenha com brilhantismo seu enorme e árduo trabalho. Indiretamente, identificamos os verdadeiros preguiçosos que, mal-acostumados à comodidade proporcionada por uma religião revelada na qual a Verdade está pronta e à disposição em um único livro, preferem fazer chistes com um Mistério a ter de decifrá-lo à custa de esforço intelectual e espiritual.

José, o sonolento, dorme em muito boa companhia, pois a lista dos deuses adormecidos da mitologia universal poderia preencher uma página inteira deste livro. O próprio Nazareno o imitaria mais tarde ao dormir no barco de seus discípulos durante uma tempestade no Lago de Genesaré. Pedro, Tiago e João não se negaram uma boa soneca enquanto seu Mestre se consumia em angústia no Monte das Oliveiras, à espera de seus algozes. No Antigo Testamento, tanto Sansão quanto Holofernes foram traídos por suas amantes enquanto dormiam placidamente. Na Grécia, Endimião, o amado de Ártemis, a Lua, pediu aos deuses a bênção de permanecer eternamente mergulhado em um sono profundo: o próprio sono lá é um deus, Hypnos, pai de Morfeu, patrono dos sonhos, e irmão de Tânatos, a Morte; ambos foram representados juntos em sono profundo. Buda por séculos tem sido esculpido deitado e adormecido em uma infinidade de estátuas no Oriente. No Egito, os oito primitivos deuses criadores (a sagrada Ogdóade) dormem à espera do fim dos tempos após a atual Criação. Na Índia temos Vishnu, às vezes representado dormindo sobre o mar primordial, e não deixaremos de mencionar aqui o padroeiro de todos os indolentes, que resolve descansar à aurora do sétimo dia de trabalho depois de uma eternidade sem nada fazer!

Entretanto, este sono simbólico nada tem de desonroso ou digno de chacota, pois, como diria Jesus, a semente precisa morrer para poder frutificar[\[79\]](#). A Natureza só se renova através da alternância entre sono e vigília, sombra e luz, úmido e seco, frio e calor, vida e morte protagonizados pelos astros, pelas estações do ano e pelas proezas dos deuses: se Jesus morreu por nós, antes José teve de desaparecer em

prol de seu filho. Osíris, assim como José, não diz uma única palavra, é quase sempre representado deitado e morto – mesmo ao fecundar sua companheira Meri[80] –, de quem nasceria Hórus, também conhecido como Iesu, o Salvador dos egípcios. Osíris, o pai morto que gera o menino-deus solar nascido no solstício, é chamado em tom reverente nos Textos Funerários de “O Grande Apático”, e o capítulo 74 dessa coleção de encantamentos mágicos traz versos que dedicaremos aqui ao injustiçado consorte de Maria:

Ah, Desamparado!

Ah, Desamparado Adormecido!

Ah, Desamparado neste lugar,

Aquilo que não sabes, eu já sei!

Eis que Te encontrei deitado sobre um lado,

Ó Grande Apático...

Que os canais sejam preenchidos por Ti!

Que os nomes dos rios sejam criados por Ti!

Osíris, vive!...

Osíris, deixa O Grande Apático levantar!

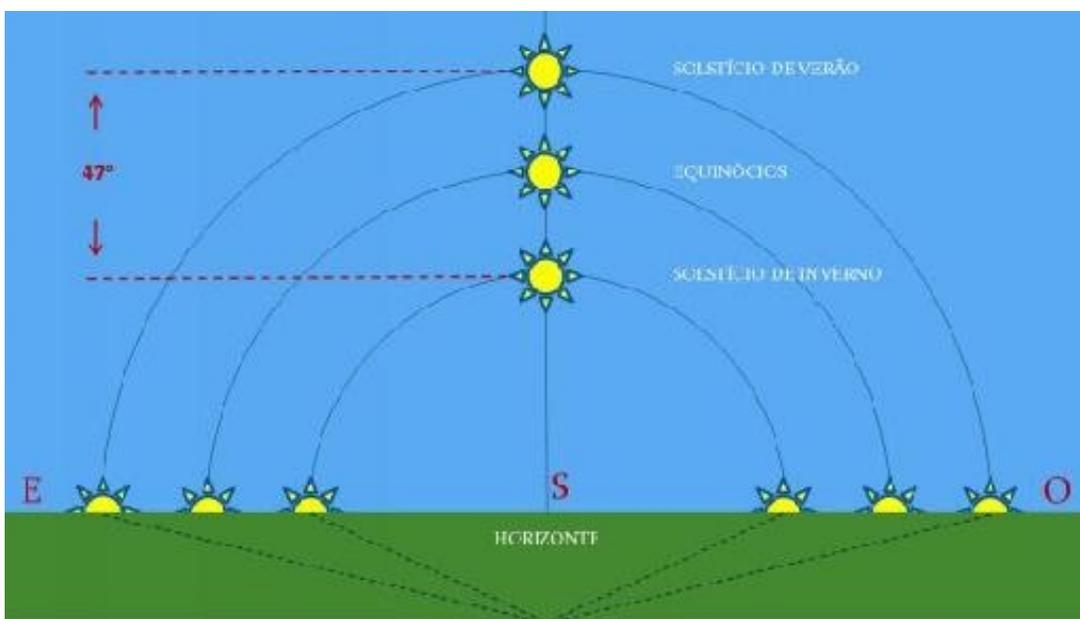
Depois que Teu pai Atum chamar: “Vem! Osíris, vive!”

Osíris, deixa O Grande Apático levantar!

Este trabalho, escrito no solstício de dezembro de 2013, é oferecido ao Grande Carpinteiro, Coveiro, Juiz Celestial; senhor do arado, portador da Foice e do Cajado, mas, principalmente, o Mestre silencioso que nos observa enquanto lentamente perscruta os confins do Céu e da Terra.



Enquanto isso, indiferente, o Sol segue sua eterna viagem pelo Zodíaco...



Contato com o autor: astroteologia@gmail.com

Facebook: [Mistérios da Lua](#) (livro), Antonio Farjani.

Livros na Amazon em papel ou kindle: [Farjani Books](#).

PRÓXIMO VOLUME: PAIXÃO E MORTE DE JESUS

- [1] Romanos 15:26.
- [2] 6:3.
- [3] 1:45, 6:42.
- [4] 2:41.
- [5] Mateus 13:53-58.
- [6] 4:16-30.
- [7] [Revista Isto É](#), 19/04/2006, por Célia Chaim. b
- [8] Marcos 6:3 é a única passagem dos evangelhos que afirma que Jesus tinha sido carpinteiro. Mas Orígenes demonstra desconhecer essa menção atribuída a Marcos, ao escrever: “em nenhum dos Evangelhos correntes nas Igrejas Jesus é descrito como sendo um carpinteiro” (*Contra Celso*, 6:36).
- [9] *São José, a Personificação do Pai* — Editora Verus.
- [10] <http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Aganju>.
- [11] 1:18-19.
- [12] Esta é apenas uma observação jocosa sobre a queda de Adão e Eva, que abriga uma profunda simbologia que não poderia ser abordada aqui.
- [13] 3:23.
- [14] Vide por exemplo Joseph Wheless, *Forgery in Christianity*, Published by Psychiana, Moscow, Idaho, Copyright 1930, p. 199.
- [15] Guerber, H.A. *Legends of the Rhine*, New York: A.S. Barnes & Co. (1895), p. 340.
- [16] *St. Joseph in Apocrypha* – Oblates of St. Joseph.
- [17] Que tem pavor do sexo.
- [18] *Prorsus credibile est, quia ineptum est* — [De Carne Christi](#), uma defesa dos princípios da ortodoxia cristã contra o docetismo.
- [19] 6:3.
- [20] 13:55.
- [21] 5045.
- [22] 1 Sam. 13:19; 2 Sam. 5:11-11; 1 Rs. 7:2; 2 Rs. 12:11, 22:6, 24:14-16; 1 Cr. 4:14, 14:1, 22:15; 2 Cr. 24:12, 34:11; Esd. 3:7; Prov. 14:22; Isa. 40:19-20, 41:7, 44:12-13; Jer. 10:3; Os. 8:6, 13:2; Zac. 1:20.
- [23] H2794 — [H2796](#).
- [24] *Finding Our Way Together* p. 308 Krisztina Stangle, John Stangle, 2006 (Cf. Geza Vermes, *Jesus the Jew*, London: Collins, 1973, p. 21). Douglas Welker Kennard *Messiah Jesus: Christology in His Day and Ours*, 2007, p. 71.
- [25] *Op. cit.*, pp. 175-176.
- [26] http://history-world.org/poem_of_the_righteous_sufferer.htm
- [27] Jó, 3:3-26.
- [28] Sob o nome *demiurgo* (δημιουργός — [Strong's G1217](#)), em livros de Platão como *Timeu*, *Crátulos*, *O Banquete*, *Protágoras*, *Górgias*, *República*, etc.).
- [29] 11:10. ἐξεδέχετο γὰρ τὴν τοὺς θεμελίους ἔχουσαν πόλιν ἧς τεχνίτης καὶ δημιουργὸς ὁ θεός.
- [30] A primeira geração masculina dos titãs era composta por [Oceano](#), [Hyperion](#), [Coeus](#), [Chronos](#), [Crius](#), e [Iápeto](#), e a feminina por [Mnemósine](#), [Tétiss](#), [Theia](#), [Phoebe](#), [Rhea](#) e [Themis](#). A segunda geração tinha [Eos](#), [Hélios](#) (o Sol) e [Selene](#) (a Lua), filhos de Hipérion; [Leto](#) e

Astéria, filhas de Coeus; Atlas, Prometeu, Epimeteu e Menécio; Métis, filha de Oceano; e Astreu, Palas e Perses, filhos de Crius.

[31] Segundo outra versão, um potro.

[32] *Minoan Religion and the Ancient Greeks* — Tom Hermes, Dickson College, 2011.

[33] Mais especificamente, filhos tidos com Métis, Deméter e Tétis, cujos riscos ele neutralizou com os seguintes procedimentos: assimilou Métis (a Prudência) em seu peito, e entregou Deméter e Tétis como esposas a dois mortais, Iásion e Peleu. Sua filha Atena, outra possível mãe de seu sucessor, foi mantida virgem.

[34] *Complexo de Judith*.

[35] Os gnósticos ofitas diziam que o deus bíblico, a quem chamavam Ialdabaoth, teria tentado eliminar Jesus logo após o nascimento deste.

[36] Como o livro *Mistérios da Lua* (2012), Editora Hemus.

[37] Vide por exemplo Êxodo 4:25.

[38] English Wikipedia, *Saturn*.

[39] A declaração em Mateus 5:17-18, na qual Jesus afirma não ter vindo para abolir a lei, tem natureza mais política do que teológica. O questionamento da lei mosaica também aparece nas cartas de Paulo: Rom. 14:5, Col. 2:16, Ef. 2:15, Gal. 3:23-25.

[40] A Wikipedia em inglês diz que “Yule é o representante moderno do inglês antigo *geol* ou *géohol* e *géola* ou *géoli*, com o primeiro nome indicando o festival de 12 dias de “Yule” (mais tarde “Natal”) e o último, indicando o mês de Yule, assim como *ærra géola* referia-se ao período anterior ao festival de Yule (dezembro) e *æftera géola* refere ao período após Yule (janeiro)”.

[41] 1981, p. 155.

[42] <http://symboldictionary.net/?p=2043>

[43] H2794 — H2796. *Charash* na gematria vale 508, o mesmo que *shachor* (“negro” — H7838), *naqab* (“amaldiçoar” — H5344), *banah* (“construir” — H1129), *tsiyah* (“seco” — H6723) *chokmah* (“sabedoria” — H2451) e *bala* (“devorar” — H1104), qualidades totalmente harmonizadas ao planeta Saturno.

[44] O cajado florido era um símbolo comum da fertilidade no Oriente Médio.

[45] 22:2.

[46] Mirkin, 1963.

[47] A interpretação desse ato como uma oferta de sacrifício das primícias, por sua vez, foi longamente estudado no meu livro *Édipo Claudicante* (1987), hoje publicado na Amazon.

[48] orthodoxroad.com/nativity-icon-explained/ – ver também: iconreader.wordpress.com/2010/12/24/the-nativity-icon/ - ver também antiochian.org/icons-explained-nativity.

[49] Embora o Tártaro, região do Hades, abrigue personagens punidos com torturas, estas figuras consistem mais em arquétipos do que pessoas, e pediriam uma discussão à parte dos interesses deste trabalho.

[50] *In Search of the Miraculous*, 1949, Harcourt. Inc., chap. 14.

[51] Seria interessante também associar o nome Herodes a *oros* (, “monte”), e *horao* (‘ , “ver”, como no nome Orodes – *Eneida*, Livro X, 720 – 10.I.6d), significados facilmente associáveis ao Sol.

[52] ‘ Robert Taylor, *The Devil’s Pulpit*, vol. I, Freethought Publishing Co., London, 1882 p. 22.

[53] *Phebo* (Brilhante) é um dos títulos do Sol em grego.

[54] *O Nascimento do Menino-Deus*, 2013.

[55] Os cristãos a identificam à “Árvore de Jessé”, referida em Isaías 11:1-2. “Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará. E repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor.

[56] O apócrifo *História de José, o Carpinteiro*, escrito no século V e apresentado como uma biografia de José ditada por Jesus, descreve como José, aos 90 anos, um viúvo com quatro filhos e duas filhas, toma a seu encargo Maria, então com doze anos de idade, até que ela esteja pronta para se casar aos 14 anos e meio.

[57] *No Ordinary Joe*, The Sunday Times, December 21, 2003.

[58] *História Natural*, 15.32.

[59] Neemias 2:1; Esther 3:7.

[60] Êxodo 13:04; 23:15.

[61] Lv. 23:4-11.

[62] *L'Espace de Ia Mort* — Paris, Albin Michel (1981), p. 223.

[63] *Ad Nationes* II-XII,10.

[64] Esse mito aparece no conto da Bíblia em que as filhas de Lot embriagam o pai para dele obter descendência (Gên.19:31s).

[65] A castração está representada pelo corte de cabelo, com a conseqüente perda da força física, e também pela cegueira a ele infligida posteriormente. Sansão era um *nazireu* (consagrado), ou seja, dedicado ao serviço de Deus. O nazireu deveria, entre muitas virtudes, abster-se de vinho (Jz.13:14, Am.2:11s), e de cortar o cabelo (Jz.13:5, 1 Sam.1:11). Na leitura concreta do texto, Sansão perde sua força porque quebra a regra de não cortar o cabelo, além de deixar-se seduzir por uma mulher. Aqui, não custa supor que esteja implícita uma provável embriaguez. De qualquer forma, mesmo não tendo bebido vinho, o herói estaria ainda assim inebriado pela paixão.

[66] Sobre a relação entre estes acontecimentos, ler *Édipo Claudicante*, do mesmo autor.

[67] *Babylonian Talmud Sanhedrin*, 70a. Já de acordo com o rabino Samuel, o crime foi de sodomia.

[68] *Complexo de Judith*, em preparação.

[69] Veja por exemplo em: davidcolarusso.com/astro.

[70] 18:2.

[71] *Signs in the Heavens* — Published January 1st 1996 by "Miller Freeman".

[72] Lindsay, O.A., p. 333, *apud* Walker.

[73] [Mateus 27:57-58](#) ; [Marcos 15:43](#); [Lucas 23:51](#); [João 19:38](#).

[74] Lucas 23:56. Arimateia foi ajudado por Nicodemos, que trouxe mirra e aloés para o sepultamento de Jesus (João 19:39): Anúbis por sua vez tinha como assistente a deusa Kabechet (ou Kebechet), personificação dos líquidos embalsamadores.

[75] [Hart 1986](#), pp. 23–24; [Wilkinson 2003](#), pp. 188–90.

[76] “No lugar em que ele foi crucificado havia um jardim, e no jardim um sepulcro novo, em que ninguém ainda fora depositado” (João 19:41).

[77] Potter, Stephen, and Sargent, Laurens. *Pedigree*. New York: Taplinger Publishing Co., 1974, p. 33.

[78] 27:59-60.

[79] João 12:24.

[80] Um dos nomes da deusa Ísis.